



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



João do Rio

A bela Madame Vargas



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

A bela Madame Vargas

João do Rio

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1912.

Livro Digital nº 804 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto
(1881–1921)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A BELA MADAME VARGAS



ATO I

O esplêndido terraço da vila de Madame Vargas. Á direita, avançando sobre o terraço entre grinaldas de rosas e trepadeiras floridas, a fachada da linda casa, com varanda e escadaria. Para essa varanda dão a larga janela e a porta do salão de música. No fundo balaustrada de mármore. Do terraço domina-se um maravilhoso panorama de florestas, deslizando para a baía em baixo, ao fundo. Em baixo os jardins do palacete. Entretanto, são cinco horas de um dia de inverno e há nesse terraço um chá ao ar livre. As pequenas mesas já estão dispostas, com gosto e com muitas flores. Os criados dão os últimos cuidados a organização geral. Ouve-se no salão de música risos, e pedaços de uma cançoneta parisiense. Quando abre o pano estão em cena de casaca, a arrumar as mesas Antônio e Braz.

ANTÔNIO

A ideia de tomarem chá no terraço *c'est très bien*.

BRAZ

Pois sim. Desde que te deem ares e haja palavras estrangeiras, ficas satisfeito. Eu é que não. Estou aqui, estou a deixar isto. Olha que é trabalho. Chá no salão, chá nos quartos, chá no terraço, chá em toda a parte, chá a toda hora...

ANTÔNIO

É a civilização, rapaz...

BRAZ

Mas de dinheiro, nem cheta. Preferia menos chá e mais massa. Tu a olhar-me com esses modos superiores. Não sou eu só. Na copa todos se queixam.

ANTÔNIO

Mas ficam?

BRAZ

A ver se recebem...

ANTÔNIO

C'est très bien. As casas assim, ainda não são as melhores. De repente vem o dinheiro. Olha, eu enquanto houver tapetes, música, chá, comedorias — vou esperando. *Ça me vá.* Nasci para o luxo.

BRAZ

Palerma!

(Neste momento aparece no alto da escada, vindo do salão de música, D. Maria Miraflor)

D. MARIA

Então, meus rapazes. Tudo bem?

ANTÔNIO

Como vossa excelência vê muito bem. O homem das flores é que não as queria deixar.

D. MARIA

Muda aquela mesa para o canto. Mas deixou?

ANTÔNIO

Assim? Deixou. Prometi ir logo lá.

D. MARIA

Braz arranja o *samovar*.

BRAZ

Que *samovar*?

D. MARIA

O aparelho de chá. Digo-lhe todos os dias a mesma coisa. Ainda não sabe?

BRAZ

E eu também, senhora D. Maria, digo-lhe todos os dias o mesmo sem ser atendido.

D. MARIA

Braz, que é isso? Comigo? Vá, olhe que sou eu...

(Braz parece resignar-se. De resto, chega nervoso e alacre Carlos Vilar)

CARLOS

Boa tarde.

D. MARIA

Oh! Carlos...

CARLOS

Muito ocupada?

D. MARIA

Dando os últimos toques ao chá.

CARLOS

Sala cheia, não?

D. MARIA

Os de costume.

CARLOS

Parece estar contrariada.

D. MARIA

Quem sabe?

CARLOS

Comigo?

D. MARIA

Ainda ontem no Lírico você parecia um detetive americano, sempre de binóculo a varejar o nosso camarote. Por que faz isso?

CARLOS

Não tinha razão?

D. MARIA

Não tinha o direito. São coisas tão diferentes a razão e o direito, que o direito foi feito para dar razão a quem não a tem. Você não só tem direito, como não tem razão, nem juízo.

CARLOS

Má.

D. MARIA

Conheço-o muito bem.

CARLOS

Oh! D. Maria, seja minha amiga. Sinto qualquer coisa que parece me anunciar uma grande transformação das coisas.

D. MARIA

E o mundo que vai acabar.

CARLOS (*pensativo*)

Quem sabe?

D. MARIA

Apenas comigo esses ares são menos úteis. Seria muito melhor que não tivesse o desejo de prejudicar os outros.

CARLOS

Está insuportável!

D. MARIA

E você então!

(Os risos no jardim interrompem o diálogo. Entram Julieta Gomes, Carlota Pais, Gastão Buarque, "en coup de vent")

D. MARIA

Sejam bem-vindos os retardatários!

JULIETA

Já acabou o chá?

CARLOTA PAIS

Good evening! Não há mais ninguém?

D. MARIA

Como vocês vêm!

JULIETA

Oh! Uma corrida louca pela montanha. O automóvel do Gastão é tão doido como o dono!

GASTÃO

Fala de prazer.

CARLOTA

Devo estar descabelada, pois não?

CARLOS

Está ainda mais bonita!

CARLOTA

Obrigada. Sempre amável.

D. MARIA

Todos no salão de música, jogando o puzzle.

CARLOTA

Vamos ver isso. (*Sobe a escada e sai*)

D. MARIA

E há também a Baby ensaiando o *Elle était souriante*.

CARLOS

Entremos. A Baby ensaiando! Deve estar aflita para que a interrompam.

(*O grupo sai subindo a escada. Há risos. Depois palmas. A cançoneta continua dentro. E no terraço um momento deserto aparecem o Barão André de Belfort, José Ferreira*)

BELFORT

Chegamos no melhor momento, meu caro José. As mesas de *bridge*, já devem estar organizadas e não falta ninguém. Nas recepções cariocas só é prudente entrar quando a dona da casa já não precisa de parceiros para o *bridge*, nem de figuras para os flertes.

JOSÉ

Oh! Barão, recepções! Que grande palavra para um chá simples, na mais simples intimidade.

BELFORT

Mas onde viu você uma festa no Rio que não fosse íntima? Como somos sempre os mesmos, ainda não fomos apresentados e já nos conhecemos intimamente. Mesmo um grande baile é uma festa íntima.

JOSÉ

Maldizente!

BELFORT

De resto, vamos assim muito bem. A única intimidade possível hoje em dia é fingir que sabemos da vida alheia. Com os amigos escapamos de logros e com os indiferentes nada há que melhor nos coloque. A maioria das pessoas a quem cumprimento não me foi

apresentada. Acontece a muitos o mesmo. E é esplêndido. Um homem que trata toda a gente de você e pergunta pela família dos desconhecidos é um tremendo valor. Por isso nós nos tratamos todos por você.

JOSÉ

É o que se chama exagerar.

BELFORT

O exagero é a personalidade da observação.

JOSÉ

Quando a observação é a de um espírito tão superior...

BELFORT

Jovem lisonjeiro!

JOSÉ

Se entrássemos?

BELFORT (*sentando-se*)

Um minuto ainda. Mas que orgia floral, que encanto! Estamos de fato muito bem. Decididamente Hortência tem gosto.

JOSÉ

Perdão...

BELFORT

Hortência ou a tia.

JOSÉ (*acentuando*)

Madame Vargas tem de fato muito *chic*.

BELFORT (*encara-o um segundo*)

Quê? Então é verdade? O meu jovem amigo está apaixonado?

JOSÉ

Oh! Barão! Também?

BELFORT

Perdão. Não quero com isso ofender ninguém. Mas conheço Hortência há largos anos e vejo-a sempre vítima de paixões. (*Gesto de José*) Vítima é o termo, porque as recebeu sempre com a mais glacial indiferença.

JOSÉ (*alegre*)

Com efeito?

BELFORT

Talvez por isso seja levado a estimá-la mais, como quem a defende. Não tem culpa a proezinha de causar paixões. Mas quanto mais gélida se faz, mais amores. Provoca Amores? Não são amores, são loucuras. Já lhe contaram que antes de casar com o Vargas, Hortência foi a causa de duas mortes?

JOSÉ

Duas?

BELFORT

A do estudante Teotônio Rodrigues, que se precipitou de um pedreira, e a do velho conselheiro Gomide, que tomou lisol.

JOSÉ

Mas o conselheiro não morreu.

BELFORT

Acha você que um conselheiro, mesmo não morrendo, possa sobreviver a um suicídio por lisol? O enterro é no caso um epílogo sem importância — como aliás todos os enterros.

JOSÉ (*rindo*)

Pelo menos para os que são enterrados.

BELFORT (*continuando, tom de narrativa*)

A terceira morte de Hortência foi causa involuntária...

JOSÉ

Quê? Mais uma?

BELFORT

Aquela da qual ninguém fala: o casamento.

JOSÉ

O barão está sempre a brincar.

BELFORT

O fato é que Hortência nunca amou o marido. Creio que o pobre Vargas partiu para o outro mundo, descorçoado de realizar o impossível. Era o bastante? Parece que não. A epidemia sentimental continua. Teremos mais algum desastre.

JOSÉ

E Hortência a dizer-me que o senhor é o seu melhor amigo!

BELFORT

Hortência é inteligente, percebe que, sendo eu o único a não lhe fazer declarações, devo ser o mais amigo.

JOSÉ

Oh! Barão!

BELFORT

Claro. Já viu você desastre maior do que uma pessoa que tem amor por outra? Quando não é a desgraça de ambos, é pelo menos o desastre de um.

JOSÉ

Do que ama ou do que é amado?

BELFORT

Do que tiver menos sorte. Hortência, por exemplo, é sempre obrigada ao papel de Vênus destruidora, numa época que é a negação da mitologia.

JOSÉ (*grave*)

Como o barão labora em erro. Hortência é tão boa?

BELFORT

Não digo ao contrário.

JOSÉ

Deve saber melhor do que eu, que se ela casou, casou por conveniência de família e soube apesar disso honrar o nome de seu marido. (*Pausa*)

BELFORT

Como o sinto diferente, José, desta sociedade!

JOSÉ

Ela então é muito má, para que me admire tanto?

BELFORT

Não. Todas as sociedades são mais ou menos assim. A única sociedade sem perigo seria a da própria pessoa, se não acabasse por aborrecer, o que leva às vezes ao suicídio. Acho-o diverso, entretanto, porque se abstém das intrigas, das calúnias, do *debinage* — por esta larga força de afirmar...

JOSÉ

Cheguei há quatro meses apenas. Ainda não tive tempo de ser mau.

BELFORT

Porque não chegou todo ele senão para ver Hortência.

JOSÉ

Como não a compreendem! Hortência é um coração puro, meigo, capaz de amar.

BELFORT
Muito bem!

JOSÉ
Falo sério.

BELFORT
Eu também. Quando me falam com tamanha solenidade, tenho a impressão de que me vou aborrecer. Então digo muito bem. Digo muito bem, para refletir no que as palavras escondem. Ora, neste momento sou capaz de jurar que já declarou a sua paixão e que ela foi bem recebida.

JOSÉ
De fato.

BELFORT (*retraindo-se*)
Ah!

JOSÉ
Parece-lhe extraordinário?

BELFORT
Só as coisas sem importância são extraordinárias.

JOSÉ
Não sou como os outros, barão. Há muito tempo guardava em segredo o meu amor. Só depois de pensar muito, declarei-me. E quando pedi a mão de Hortência, ela estava comovida; o seu olhar foi tão profundo, que nunca mais esquecerei esse instante imenso.

BELFORT
Pobre Hortência!

JOSÉ
Não acha que se enganava?

BELFORT

O amor vem quando menos o esperamos. Para quando o casamento?

JOSÉ

Espero hoje falar a minha mãe. Sou maior, formado como toda a gente, possuidor de uma fortuna não pequena. O casamento será logo que queira Hortência. Procurarei ser apaixonado, mas amigo.

BELFORT

Será espantoso se realizar essas duas coisas contraditórias — ao mesmo tempo.

JOSÉ

Mas barão, peço-lhe o maior sigilo. Uma frase comprometer-me-ia. Hortência fez-me jurar segredo. Quer partir. Quer casar fora daqui. Também tem medo da sociedade em que vive. É de um nervoso. Tem sofrido tanto!

BELFORT

Acho que faz bem.

JOSÉ

Em esconder um ato honesto?

BELFORT

É que ela o julga por demais grave. Que vê o José aqui, em redor do seu amor? Senhoras, meninas, rapazes, a rir e a flertar. Parecem-lhe inofensivos? São perigosíssimos, feitos de desrespeito, de invejas, de egoísmos. É uma sociedade que se forma de aluvião em torno do dinheiro, — que a maioria tem por hipótese. Há gente rica hoje e amanhã sem real continuando a viver como quem tem dinheiro; há damas que caçam o amante como quem caça borboletas e meninas que caçam maridos como quem caça a raposa. Os rapazes, alguns parecem milionários, numa idade em que poderiam jogar a pelota, e outros não tem profissão no momento em que e preciso trabalhar.

JOSÉ

E de que vivem?

BELFORT

Os que parecem ricos?

JOSÉ

Os outros.

BELFORT

Do crédito dos que parecem ricos, do nome das famílias, da complacência geral. São esses rapazes encantadores, bem lavados, bem vestidos, bem perfumados, que não renunciam a nenhum prazer devem a todos, e cometeriam crimes para beber champanha nos clubes, flertar, ter amantes, gozar — se não tivessem medo ao código. Toda essa gente acumula despeitos contra os que encontram a felicidade. Hortência defende-se do ataque há muito tempo, a espera do Lohengrin. Tape os ouvidos e fujam.

JOSÉ

O senhor é fulminante.

BELFORT

Digo apenas o que todos sabem. Sou banal; (*mudando de tom*) — mas estas flores: As flores anunciam sempre o desejo que tem a gente de ser ou parecer feliz, estas são mais denunciadoras que uma declaração.

JOSÉ

Entretanto, só agora percebeu.

BELFORT

É que eu só compreendo logo o que não é possível. Entremos meu caro José, a conversar com essas damas.

(*Do alto da escada aparece D. Maria. Ouve-se a cançoneta sem compasso*)

D. MARIA

Oh! Aqui? Por que não entram?

JOSÉ

Acabamos de chegar.

(Apertos de mão)

D. MARIA

Bem?

BELFORT

Pessimamente bem.

D. MARIA

Fala da cançoneta ou da sua saúde?

BELFORT

De ambas.

D. MARIA

Pois perdeu em não entrar. Fizeram um *puzzle tout a fait réussi*.

JOSÉ

Quem acertou mais?

D. MARIA

A Renata d'Azambuja. *(Ao criado Braz que entra com o aparelho de chá)*
— Ponha o *samovar* na mesa do centro. Bem. Leve os chapéus dos senhores. *(Braz executa as ordens e sai)* É preciso repetir todo o dia a mesma coisa. Os criados são cada vez menos inteligentes.

BELFORT

A razão é simples: os inteligentes mudaram de profissão.

D. MARIA

Deram em vagabundos?

BELFORT

Não, deram em patrões. A profissão de patrão ainda é a menos desacreditada das profissões, mesmo quando não paga. Um criado deve desejar o que parece mais sério.

D. MARIA (*rindo*)

Onde está o seu juízo barão?

BELFORT

No bolso, D. Maria. O juízo traz a gente no bolso para não incomodar os conhecidos.

D. MARIA

Então, peço-lhe que o mostre agora. Temos no chá meninas e velhas rabugentas.

BELFORT

Que me diz? E a senhora ainda não perdeu o seu juízo em tão respeitável companhia?

D. MARIA

Não perdi e vou chamá-las até.

JOSÉ

Parece não ser preciso.

(De fato. Entram Hortência de Vargas, D. Eufrosina Gomensoro, Baby Gomensoro, Carlota Pais, Julieta Gomes, Carlos Villar, Gastão Buarque, deputado)

GUEDES

Essas pessoas vão entrando aos poucos, saídas do salão, a conversar com animação apertos de mão. Beija-mão. Trocam-se as primeiras frases, ao sentarem-se segundo as simpatias. Os dois criados fazem

discretamente o serviço. Há nos gestos de Carlos lima permanente inquietação.

MADAME VARGAS

Como vai o meu caro amigo?

BELFORT

Receoso de perturbar a bela companhia.

JOSÉ

Ficamos de fora a ouvir.

MADAME VARGAS

Oh! Dr. Ferreira!

BELFORT

O José, a Maria e eu. Um quadro romântico: a beira do palácio, na estrada deserta, a Mocidade, a Velhice e a Mulher ouviam a canção do prazer.

D. MARIA

Neste caso a mulher é também a velhice.

BELFORT

Nunca. A mulher está sempre para aquém da idade.

D. EUFROSINA

Dr. Ferreira, bons olhos o vejam.

JOSÉ

Minha senhora, encantado.

BABY

Então ouviu a cançoneta?

JOSÉ

Logo vi que não era a senhora.

D. EUFROSINA

Minha filha tem o mau vezo de cantar canções.

JULIETA

Que tem isso mal?

D. EUFROSINA

Não foi a educação que lhe dei. No meu tempo as meninas não cantavam canções.

BABY

E lucraram muito com isso!

CARLOS

Eu gostei imenso! Tem até filosofia.

BABY

Não minta. Imaginem que era o Fiorelli o acompanhador. Fiorelli só gosta de acompanhar músicas aborrecidas: a ária do suicídio da Gioconda o dueto da Tosca. A cada passo atrapalhava-se. Ri todo o tempo.

DEPUTADO GUEDES

Mademoiselle canta com grande expressão. Eu preferiria, contudo que deixasse o gênero francês.

BABY

Por quê?

BELFORT

Como havia de ser se ninguém mais compreende o português?

CARLOS

Só se cantasse em inglês.

DEPUTADO GUEDES

Perdão apesar da invasão das línguas estrangeiras ainda há muita gente que resiste.

D. EUFROSINA

Sou da mesma opinião.

D. MARIA

Mas que gente é essa?

BELFORT

Onde encontrá-la? Na Câmara, no Senado, na Academia?

(Risos, conversa)

MADAME VARGAS *(a José, baixo)*

Veio tão tarde...

JOSÉ

A tanta gente, hoje...

MADAME VARGAS

Que importam os outros?

JULIETA

Com que então teremos o deputado

GUEDES

Batendo-se a favor da língua portuguesa na Câmara?

BELFORT

Será de certo o único. Vai ser uma tremenda campanha. Os seus colegas fazem o contrário: batem-se sem tréguas contra a gramática. É a luta no próprio reduto.

DEPUTADO GUEDES

Os senhores esquecem que eu sou apenas candidato ao reconhecimento.

GASTÃO

Mas foi eleito?

DEPUTADO GUEDES

A eleição é uma formalidade sem importância.

GASTÃO

Está enganado. No meu *club* e definitiva.

BELFORT

Mas no *club* da política depende do banqueiro.

CARLOS

D. Maria...

D. MARIA (*baixo*)

Deixe de olhar assim Hortência!

CARLOS

Eu?

D. MARIA

Está a enegrecer uma vida digna de melhor sorte.

CARLOS

Mas são todos contra mim!

D. MARIA

A seu favor, Carlos. Que interesse tem em aborrecer Hortência!

CARLOS

Veja como conversa com o riquíssimo Ferreira.

D. MARIA

Você perde a cabeça. Não seja infantil.

JOSÉ

Onde se senta?

MADAME VARGAS

Sente-se do outro lado.

BELFORT (*olhando gastão cada vez mais magro*)

Então Gastão como vamos de esporte?

GASTÃO

Cada vez melhor, senhor barão. Não me viu domingo no time de futebol?

BELFORT

Francamente? É extraordinário o que este esporte tem feito de bem aos rapazes. Dá-me a aparência de que não faz exercício.

GASTÃO

As aparências enganam.

BELFORT

Talvez não... O exercício é o esporte que se pratica para a própria higiene. E o esporte é o exercício que se faz para dar que falar da gente. O senhor ao que parece só faz esporte.

D. EUFROSINA

Se esporte é isso, então barão não há quem não seja esportivo agora.

CARLOS

Todos mais ou menos tocam para o poste do vencedor.

JOSÉ

Eu gosto imenso de esporte.

BELFORT

E faz algum?

JOSÉ
Nenhum.

BELFORT
Imagine o Gastão se o imitasse com que corpo estaria.

D. EUFROSINA
Estes bolos são muitos bons. Como os faz D. Hortência?

MADAME VARGAS
Os bolos? Oh! Isso é com a tia Eufrosina.

D. MARIA
Mandamo-nos buscar fora.

BABY
Mamãe com ideias de bolos feitos em casa!

JULIETA
Eu não sei nem os de palmatória.

CARLOTA
Que coisa pouco *chic*.

BELFORT
Claríssimo. A única diferença entre a sociedade de agora e a que representa D. Eufrosina, é que a de D. Eufrosina fazia os bolos em casa e a atual como todos os bolos sem saber onde são feitos.

DEPUTADO GUEDES
É um progresso.

CARLOS
Ou pelo menos um aumento de despesa.

BELFORT

E também a origem da neurastenia. Os bolos fazem a dispepsia, a dispepsia a neurastenia, a neurastenia a extravagância. Enfim, procurando bem, o mal fundamental está em não saber fazer bolos em casa. Mas tomemos o chá. O amor é como o chá, dizia Ibsen.

CARLOS

Por isso é que tantas senhoras gostam de chá.

D. MARIA

Por quê?

CARLOS

Para mudar de xícara; sempre que podem.

CARLOTA

Não me canso nunca de admirar este panorama do terraço de Hortência. Não acha bonito Dr. Guedes?

DEPUTADO GUEDES

Muito. Eu gosto do mar...

JULIETA

E eu!

JOSÉ

E Hortência?

MADAME VARGAS

Mais do que eles, acredite...

BELFORT

É impossível deixar de ter uma grande paixão pelo mar. Principalmente de terra, o mar é um sugestionador poderoso. Basta olhar para o mar para cair uma pessoa no largo domínio das ideias vagas. E nada mais agradável do que sonhar sentado num rochedo, como os poetas das holografias românticas, ou mesmo na areia como faz a maioria dos contemplativos, no Leme. Um sujeito sem

ideias até sem ter tido a ideia de ter ideias, chega a beira da praia, olha o mar e tem logo meia dúzia de pensamentos. É fatal. O mar é um laboratório de imaginação e é por isso que eu explico a superprodução de poetas nacionais pela extensão das costas...

MADAME VARGAS

Tia manda servir o chá aos que ficaram no salão.

(D. Maria vai até a porta do salão)

JOSÉ

Muita gente?

MADAME VARGAS

Uma mesa de *bridge* e outra de *pocker*.

D. EUFROSINA

À mesa do *pocker*, sempre a ganhar aquele insuportável senhor Jesuíno.

JOSÉ

Mas o senhor Jesuíno é, segundo me disseram, seu parente afastado.

D. EUFROSINA

Infelizmente;

CARLOS

E é muito rico?

BABY (*rindo*)

É um parente afastado que quanto mais rico fica mais afastado.

D. MARIA (*voltando*)

Como todos os parentes ricos.

D. EUFROSINA

Acho o gracejo, menina de muito mau gosto...

BABY

São opiniões. Mamãe tem sempre opiniões que eu não tenho.

BELFORT (*perto de Madame Vargas*)

Perece-me nervosa, Hortência.

MADAME VARGAS

Realmente, um pouco.

BELFORT

Tenha calma e prudência.

MADAME VARGAS

Preciso de seu apoio, meu amigo.

BELFORT

Pode contar com ele.

BABY (*indo ao grupo de Carlos e D. Maria*)

Que conversam vocês?

BELFORT (*deixando Madame Vargas*)

A apostar que conspiram contra a tranquilidade de alguém?

CARLOS

Estamos a ver por quem se decide o Gastão. Se pela Julieta se pela Baby.

BABY

É uma pilhéria sem graça. Nesses casos eu e que decido e por ti é que não me decidiria nunca.

CARLOS

Muita pena.

BABY (*rindo*)

A não ser que o barão quisesse...

(Carlos afasta-se)

BELFORT *(a Carlota Pais)*

Está hoje um pouco pálida, D. Carlota.

CARLOTA

Palavra? Diga-me então alguma coisa que me faça corar.

BELFORT

Não posso. D. Maria recomendou-me que tivesse juízo.

D. MARIA

Mas as suas inconveniências são sempre interessantes.

BELFORT

Reputação atroz.

CARLOTA

Parece-me que D. Maria foi de uma delicadeza...

BELFORT

Ao contrário. Coopera conscientemente para me criar uma reputação. A reputação é a opinião alheia que só nos cria embaraços, mesmo quando é lisonjeira. Todos nós somos, graças a ela, vítimas uns dos outros. Só um homem cumpriu o seu dever na terra porque ainda ignorava a reputação.

JULIETA

Quem?

BELFORT

Adão! Horas depois tinha uma tal reputação que não fez mais nada digno de nota. E depois de Adão, D. Carlota, a reputação é que nos faz.

DEPUTADO GUEDES

Não apoiado.

CARLOS

Ninguém concorda com o barão.

CARLOTA

É um monstro!

JOSÉ

Que diz Hortência?

MADAME VARGAS

Eu nunca sou da opinião do barão.

BELFORT

Mas no dia em que eu tiver a vossa opinião, deixo de ter a vossa simpatia. O acordo foi sempre a trégua da antipatia...

GASTÃO

Pelo menos numa coisa o senhor barão concordará conosco. Está uma tarde linda!

D. EUFROSINA

De fato. Uma beleza. Também esta Tijuco é um encanto.

DEPUTADO GUEDES

Um tanto perigoso para as famílias agora.

JULIETA

Como assim?

DEPUTADO GUEDES

Muito mal frequentada a noite.

CARLOS

Gatunos?

D. MARIA

Qual! O Dr. Guedes refere-se aos automóveis, às ceias em más companhias.

CARLOS (*ironia*)

Cocotes! Ceias! Automóveis? Horror!

BABY

Como deve ser interessante!

D. EUFROSINA

Menina!

BABY

Que tem de mal? Eu até agora só falei com uma *cocotte* na minha vida. Mas gostei muito. Era uma senhora séria.

TODOS

Oh! Qual! Não! Não!

BABY

Palavra. Foi no carnaval.

D. EUFROSINA

Menina, não conte isso.

BABY

Que tem mamãe, se já passou tanto tempo? D. Jesuína Praxedes com várias outras senhoras nossas amigas teve a ideia de passar uns *trotés* e de entrar nos clubes e bailes, onde os maridos pintam o sete. Mas precisávamos de um guia e D. Jesuína não queria homem. Então Carlota Pais lembrou a Argentina.

CARLOTA

Eu, não!

BABY (*teimando*)

Você sim. Você tinha lido o nome dela nos jornais e D. Jesuína exclamou até: "uma mulher que tem vinte amantes e trezentos contos é de confiança"...

VOZES

Oh! Oh!

MADAME VARGAS

Baby, você está dizendo inconveniências.

BABY

Mas se não tem nada de mal; D. Hortênciã?

BELFORT

E a Argentina foi?

BABY

Foram propor o caso ao palacete que ela habita. Ela custou muito a aceitar. Mas afinal aceitou. Saímos todos de dominó preto fazendo "A Mão Negra". Como nos divertimos! Pois quando uma de nós brincava demais, a Argentina dizia! *Ninãs tenham modos!* E ferrava-nos um beliscão. Parecia mais uma professora.

GUEDES (*no riso geral*)

Caspité!

BELFORT

Para mostrar como a moral é uma coisa, de que fazemos questão — nos outros...

BABY

Estão a rir? Pois a única que não foi reconhecida foi a Argentina...

BELFORT

Como o nosso caro Guedes. Sabidamente eleito e não reconhecido!

MADAME VARGAS

Essa brincadeira tem feito o sucesso da estação.

JULIETA

E a Argentina?

CARLOTA

Vai casar. Li os proclamas.

CARLOS (*a Hortênciã*)

Que pena!

MADAME VARGAS

Acha?

CARLOS (*impertinente*)

Acho!

MADAME VARGAS (*aos outros, nervosa*)

Começa a cair a noite. Se entrássemos?

CARLOTA

Eu parto. Tenho hoje a ópera.

BABY

Eu prefiro descer ao jardim. Gastão acompanha-me.

D. EUFROSINA

Olha o sereno, minha filha. (*Baby e Gastão saem para o jardim*)

MADAME VARGAS

Não quero que partam sem ouvir um pouco de música. É Tão cedo ainda. Se fôssemos ver os jogadores? Dr. Ferreira o seu braço. (*Baixo*)
Hoje a noite no teatro.

JOSÉ

Muito obrigado. Movimento geral. Vão saindo aos poucos, animada conversa. Ficaram D. Maria e Carlos.

CARLOS

Bem. Vou-me embora.

D. MARIA

Já devia ter feito isso.

CARLOS

A senhora viu o convite, a provocação com que Hortêncina? Pediu o braço ao Dr. Ferreira?

D. MARIA

Carlos, você é desolador. Leva a contrariar-se, contrariando os outros. Hortêncina? Estava irritadíssima.

CARLOS

Não era por mim.

D. MARIA

Não, era por mim.

CARLOS

E se eu lhe falasse D. Maria?

D. MARIA

Se você não é doido, faz o possível por parecer. Para que falar a Hortêncina?

CARLOS

Porque ela está zangada.

D. MARIA

Vá-se embora, Carlos. É melhor.

CARLOS

A senhora sabe tão bem que eu não vou! Não vou enquanto não falar com Hortência. Não me olhe assim. É cá uma coisa.

D. MARIA

Paixão ou pedido?

CARLOS

É cá uma coisa que me deu. Hortência? É outra. Eu não vivo bem desde que apareceu esse homem. É idiota, bem sei, mas não posso. Se a senhora soubesse como me incomoda! Hoje não me continha. Hortência? Zangou-se. Vá chamá-la. Um minutinho. Estão a conversar. Não repararão. Diga-lhe que venha.

D. MARIA

E se eu não disser?

CARLOS (*mais impertinente*)

Chamo eu mesmo. Não acha que fica mal?

D. MARIA

Julgou-o capaz demais. Vamos ver. (*Ao entrar no salão*) Ainda não se decidiu esse *bridge*?

(*Rumor de dentro. Carlos encosta-se ao balaústre. Um minuto. Depois aparece Madame Vargas*)

MADAME VARGAS (*para dentro*)

Descanse D. Eufrosina. Vou vê-los (*Alto*) Oh! Senhor Carlos.

CARLOS (*alto*)

Retiro-me D. Hortência. A sua festa esteve encantadora.

MADAME VARGAS (*baixo*)

Que me queres tu?

CARLOS

A boas horas!

MADAME VARGAS

Temos alguma nova desagradável?

CARLOS

Não.

MADAME VARGAS

Ora temos. Devemos ter. O ar de censura, a impertinência, a frase de dúvida...

CARLOS

Deve ser impressão sua Anda nervosa demais!

MADAME VARGAS

E não tenho razão?

CARLOS

Sei lá!

MADAME VARGAS

Levas-te a vigiar-me a tarde inteira.

CARLOS

Talvez.

MADAME VARGAS

Só não viu quem não quis.

CARLOS

Eu, por exemplo, por que tinha de a ver a vigiar-me a mim.

MADAME VARGAS

Não me enerves, Carlos. Precisamos de tanta prudência. Tu bem sabes que não deves proceder assim!

CARLOS

Mas não faço nada, olho quando muito.

MADAME VARGAS

Compromete-me de um modo perigoso. Todos reparam, hoje ninguém duvida!

CARLOS

Salvo os que a viram comprometer-se com outro.

MADAME VARGAS

Eu?

CARLOS

Nada de surpresas. Com o Ferreira.

MADAME VARGAS

Com o José?

CARLOS

Com o José? Como as coisas caminham! Já o trata por José...

MADAME VARGAS

Mas acreditas que depois desta loucura contigo, eu arrisquei outra loucura?

CARLOS

Por que não? Nada de ilusões. É a vida. Preciso saber ao justo o grau dos seus sentimentos por mim.

MADAME VARGAS

Se fazes o possível para me desgostar!

CARLOS

Parece-lhe?

MADAME VARGAS

Tu é que te mostras mudar. Tomaste-me de assalto, creio que só para me fazer sofrer! Não dou um passo, não faço um gesto, que não te sinta a chamar-me, a dominar-me, a impor-me as tuas mais loucas extravagâncias.

CARLOS

É que não gostei nunca de mulher nenhuma como de ti.

MADAME VARGAS

Meu Deus!

CARLOS

Deploras!

MADAME VARGAS

Sinto como é superior essa frase de amor...

CARLOS

Fazes ironia às minhas frases: Realmente. Não devem ter literatura como as do Ferreira.

MADAME VARGAS

Por que falas assim, Carlos? Agora, a cada instante, volta o José à discussão. Tem tão pouca importância.

CARLOS (*num ímpeto*)

Tem tão pouca importância o quê? O José? Eu? A minha loucura? Talvez tudo isso junto. Ninguém pode adivinhar a intenção das tuas palavras. Continuas a mesma, a fazer sofrer, a torturar, a desgraçar...

MADAME VARGAS

Oh! Não me fales de fazer sofrer! É tempo de acabar com essa legenda. E tu bastas para redimir as maiores faltas!

CARLOS

Queres dizer que sou eu quem te tortura?

MADAME VARGAS

Vamos a saber. Carlos, que queres?

CARLOS

Eu?

MADAME VARGAS

Mandaste chamar-me e não posso demorar. Que queres?

CARLOS

Mas por que esses ares de inimiga?

MADAME VARGAS

Pelo amor de Deus, dize o que desejas.

CARLOS

Desejo apenas que expliques claramente a situação.

MADAME VARGAS

Que situação?

CARLOS

A nossa. Não terás coragem de acabar logo com isso, e dizer francamente: aquele idiota convém-me, tem dinheiro. Ponha-se fora você!

MADAME VARGAS

Carlos! Estas provocando uma cena perigosa.

CARLOS

Tu gostas dele, sim, tu gostas. Nada de subterfúgios. Nada de medo. Sim tens a certeza de que eu perco a cabeça, e adias. Mas eu te forçarei.

MADAME VARGAS

Tu?

CARLOS

Não é possível que em três meses tenha acabado um amor tão grande. Lembras-te daquele teu bilhete, o único que me escreveste? Já o li tanta vez, que até o decorei. "Espero-o hoje à noite. Deus perdoe a minha loucura. Venha à uma hora." Essa loucura passou? Não podia ter passado! Nunca mais me escrevestes, mas as loucuras não acabam de repente. E estas cenas que reprovos, que te contrariam, estes ciúmes são do amor que te tenho. É sempre assim quando a gente gosta.

MADAME VARGAS

Em que sociedade?

CARLOS

Em todas. Em amor somos sempre os mesmos. Quando a gente ama não há diferenças, não, convence-te. Mas se queres com isso fazer alusões aos clubes, aos meus hábitos antigos, enganas-te. A minha vida de alegria passou. Desde que te amei, nunca mais voltei a esses lugares. Só a ti amo e não quero, não quero que outro te tome. Só por isso, só por isso te chamei, só por isso endoideço.

MADAME VARGAS

Mas tu me falas como se eu fosse qualquer. Tu duvidas de mim. Não te bastou o que fiz por ti?

CARLOS

Perdoa. É a doídice, é sem querer. Devo-te parecer muito mau?

MADAME VARGAS

Um pouco.

CARLOS

Que queres? Bem procuro conter-me, mas não posso. Sei que não tenho e quanto mais te tenho, mais receio de perder-te.

MADAME VARGAS

E fazes-me sofrer.

CARLOS

É tua a culpa. Sim. Tratas-me mal, não me vês diante dos outros. Principalmente quando aparece esse moço rico, que aparece agora todos os dias.

MADAME VARGAS

Porque te fazes inconveniente! Ah! Carlos, não me contraries. Sabes lá como vivo neste meio em que se espia com volúpia a falta alheia. Se soubesses! Estás estragando a minha vida. É só por isso, ouves, é só por isso que me desgosto.

CARLOS

Hortência!

MADAME VARGAS

Sim, sim. A nossa loucura deve ficar secreta. Dizes que me amas?

CARLOS

Duvidas?

MADAME VARGAS

Não, mas reflito. Ignoras por acaso a nossa situação? Sabes tão bem! Não podes casar comigo. Nem queres.

CARLOS

Tu é que não querias.

MADAME VARGAS

Não é possível. Nem tu, nem eu podemos — ou falha, cada vez mais falha de recursos. Não é justo que me queiras exhibir como tua amante, para que eu veja todas as portas fechadas. Não é justo nem digno.

CARLOS

A tua frieza a refletir na loucura. Eu não faço tal, eu não quero nada!

MADAME VARGAS

Reflico como a vítima que se defende. E tu fazes tudo isso talvez sem querer, mas fazes.

CARLOS

Estás arrependida do nosso amor, Hortência?

MADAME VARGAS

Tu, insistindo num ponto que conheces, é que me fazes arrepender. Tu é que me apontas o arrependimento.

CARLOS

Não, não! Faço tudo sem sentir, sem querer. Tens razão, tens muita razão. Perdoa. Não posso casar, porque não tenho nem situação, nem dinheiro. Mas sabes? É instintivo. Quando te vejo com outros, que te cobiçam, que te acham bela, perco a cabeça, desconfio. Sou capaz de tudo.

MADAME VARGAS

Mas não tens razão de desconfiar.

CARLOS

Se se casares?

MADAME VARGAS

Se eu casar?

CARLOS

Sim.

MADAME VARGAS

Creio que não vais proibir que eu me case?

CARLOS (*num ímpeto quase alto*)

Mas então é verdade tudo quanto desconfio! É verdade que queres o outro, é verdade que me afastas, que me aborreces?

MADAME VARGAS (*assustada*)

Carlos, por piedade, não insistas, nesta triste situação nossa, o teu cavalheirismo é, deve ser ajudar-me. Queres perder a minha vida, porque cedi aos teus desejos? Não pode ser bonito, não pode parecer digno.

CARLOS

Só pela maneira que falas, vejo a tua indiferença.

MADAME VARGAS

Sou indiferente e dei-te o que não dei a nenhum outro homem, e faço conscientemente a loucura de te amar, e recebo-te aqui com risco de perder-me. Sou indiferente e entrego-me dou-me. Eu!

CARLOS

Hortência!

MADAME VARGAS

Sou indiferente, e sou o teu objeto, a tua vibração e ando no medo constante de ver que um dia acabas com tudo, e confio-te aquilo que uma mulher preza mais que o corpo; a própria reputação. Tens razão. E por quê? Porque queres estragar aos olhos de todos, egoistamente, por vaidade, a minha salvação!

CARLOS

Não, Hortência, não.

MADAME VARGAS

Sabes as coisas, não ignoras nada da minha vida. Ainda ontem à noite eu te dizia pela milésima vez.

CARLOS

Ainda ontem...

MADAME VARGAS

Ainda ontem. Eu te expliquei claramente. Não há outra solução. Não é possível. O verdadeiro amor é aquele que se sujeita. Diante desse rapaz...

CARLOS

Não! Não! Não me fales nele, ao recordar a nossa noite de ontem. Dou-te razão, aceito a frieza do teu bom senso, faço o que quiseres! Mas não me fales nele.

MADAME VARGAS

Mas se és tu que o lembras?

CARLOS

Oh! Hortênsia, odeio-o tanto!

MADAME VARGAS

Para quê? Por quê? Não desejo ouvir essas palavras. Nunca te falei dele, não te falo. És injusto. E não te falarei nunca mais.

CARLOS

Mesmo que venha ocupar na tua vida um grande lugar?

MADAME VARGAS

Na minha vida só ocupa lugar quem eu amo.

CARLOS

E vê tu. Eu sinto que sou covarde, que sou um pobre diabo. Quero reagir, quero ser homem, gritar. E diante de ti não sou mais nada. Hei de fazer o que tu quiseres!...

MADAME VARGAS

Chamas a isso fazer o que eu quero!

CARLOS

Sempre, sempre, irresistivelmente. O amor faz outros os homens. O Carlos que tu conheces, é um Carlos que ninguém ouvistes? Ninguém, nem minha mãe conhece.

MADAME VARGAS

É uma criancice...

CARLOS

O amor fez-me criança, assim tolo, assim nervoso. Quero-te tanto porque o meu desejo é muito maior que o teu. Mas consolo-me porque aos outros ainda queres menos. Não? Não? (*Aproxima-se*) Dize. Pois não? Ainda agora. Quanta crueldade! Quanta frieza! Quanto bom senso! E enquanto tu falas, eu sinto apenas o desejo, um desejo imenso que aumenta. Estás tão bonita! Este teu vestido... Este teu cabelo... Hortência! Perdoa. Escuta. Se hoje fosse como ontem?

MADAME VARGAS

Oh!

CARLOS

Eu esqueço tudo, eu farei o que quiseres. Se fosse como ontem, uma noite encantada, a noite em que adormeceste todas as minhas dúvidas.

MADAME VARGAS

Não! Carlos. Preciso voltar ao salão. Não insistas.

CARLOS

Pareço-te muito miserável, não é?

MADAME VARGAS

Não. Sabia que havias de terminar por isso. Há uma semana fazes assim. Há uma semana exiges e me atormentas! Estou fatigadíssima.

CARLOS

Mas então está tudo acabado entre nós? Queres deixar-me? Serias tu a primeira mulher que me abandonasse. Não!

MADAME VARGAS

Digo-te apenas que hoje não. Estou cansada.

CARLOS

Mas dizes sempre não.

MADAME VARGAS

E ainda ontem cedi!

CARLOS

Quero hoje. Quero ainda hoje. Hortência, concede.

MADAME VARGAS

Como me atormentas, Carlos!

CARLOS

Dize de boa vontade: até logo.

MADAME VARGAS

Oh! Não!

CARLOS

Hortência, não sejas assim. Eu não posso. Vem cá. (*De repente, na exaltação do desejo*) Se não me deres um beijo, faço um escândalo.

MADAME VARGAS

Estás doido?

CARLOS

Completamente. Faço o escândalo.

MADAME VARGAS

Deixa para outro dia! Hoje não.

CARLOS

Assim por assim, é teu desejo acabar, amar o outro. Vê-se. Não queres, porque já amas outro. Mas eu grito, faço escândalo, e verás depois.

MADAME VARGAS

Carlos, por piedade.

CARLOS

Dá-me o beijo, então. (*Agarra-a*)

MADAME VARGAS

Mas é mau. É mau. Que horror! Não! Não!

CARLOS (*puxando-a*)

Mas dá-me duma vez?

MADAME VARGAS (*presa, debate-se com horror e medo nos braços do amante*)

O que quiseres! O que quiseres! Eu não me pertenço mais. Sou tua. Continua a ser tua!

CARLOS (*esmagando-lhe a boca num beijo*)

Sim, minha!

(*E o pano cai enquanto mais alto a voz abaritonada canta o desejo do "Madrigal"*)

ATO II

No dia seguinte, às duas horas da tarde.

(*O salão de música. Pela janela aberta, vê-se a varanda e um trecho do esplêndido panorama que é o encanto do terraço. Um piano de cauda ao fundo, com uma colcha de seda vermelha. Jarrão da China entre a janela e a porta. Mobília de laca vermelha e palha dourada. À direita, no primeiro plano, um bibelô com espelho, junto à porta de comunicação com o interior. As paredes são forradas de tapeçaria d'Araccio em lilás e prata velha, motivo: as nove Musas. Estão em cena Fiorelli e D. Maria que vem entrando*)

FIORELLI
La signora?

D. MARIA
Doente.

FIORELLI
Como?

D. MARIA
Uma leve indisposição. Desde ontem, veio-lhe a migraine.

FIORELLI
Com este lindo dia de primavera?

D. MARIA
Infelizmente, não escolhemos o dia para adoecer. Mas sente-se, Fiorelli, descanse.

FIORELLI
E la signora não me mandou dizer nada?

D. MARIA
Não. Creio mesmo que não se lembrou de você. Compreende, uma dor de cabeça. Mas sente-se, Fiorelli, ao menos enquanto espera condução.

FIORELLI (*sem sentar-se, hesitando*)
Com que então, sempre, bem senhora D. Maria?

D. MARIA
Eu? Como Deus é servido. Cuidando da vida dos outros desde que a minha já vai no epílogo.

FIORELLI (*distraído*)
Seriamente!

D. MARIA

Este Fiorelli! Sempre distraído! Sim, seriamente — séria e tristemente. Mas fale-me de si. Que fez ontem à noite?

FIORELLI

Estive no Lino com a família Gomes Pedreira. Cantavam a Bohemia.

D. MARIA

Pobre Fiorelli!

FIORELLI

Bela música, um tanto renitente, mas bela música. (*Ouve-se o timbre elétrico rio interior*) Mas chamam. É, decerto, la signora. Senza encommodo. (*Subitamente mais tímido*) Quando será então? Eu preciso tanto!

D. MARIA

Mando-lhe amanhã.

FIORELLI

Veramente!

D. MARIA

Sem falta.

FIORELLI

Oh! Grazzie! Grazzie! (*Sai*)

D. MARIA (*acompanhou o músico até a porta, diz-lhe adeus. Volta*)

Pobre Fiorelli!

MADAME VARGAS (*aparecendo no interior*)

Foi-se?

D. MARIA

Com a resignação de sempre. Está convencido de que eu mando pagar amanhã. Devemos ao Fiorelli cinco meses de tocadás e lições.

MADAME VARGAS

Outros devem mais. Também tu! Lembrar-me tal coisa, na situação em que estou!

D. MARIA

Situação que não é de hoje...

MADAME VARGAS

Ainda o dizes!

D. MARIA

E que piora a cada dia. Ontem o copeiro despediu-se antes de jantar. Foi preciso uma grande tática de que devia servir à mesa. Dei-lhe até o laço na gravata com ar de quem o faz pelo menos comandante de uma brigada estratégica.

MADAME VARGAS

E ainda brincas?

D. MARIA

Para que desanimar? Tenha fé em ti. A nossa situação é desesperadora. Tu mesmo não sabes quanto deves. Devemos a todos os fornecedores, aos criados e ainda por cima fazemos mais dívidas, com o mesmo louco trem de vida. É delicado. Mas seria possível parar agora, fazer leilão, ir morar para uma casa qualquer? Que prazer teriam os teus inimigos, isto é, a sociedade inteira! A bela Hortência Vargas, a viúva do diplomata, a orgulhosa Hortência que rejeita as melhores propostas, descendo do seu pedestal.

MADAME VARGAS

Nem todos pensam assim.

D. MARIA

A maioria não sabe que não temos mais dinheiro e quer ver o fim. É humano. Que fazer? Resistir. Esperar. Tenho virado um pouco financeira e devo dizer-te que esgotados os dinheiros da hipoteca da casa começo a liquidar as tuas joias. Belfort dá-me conselhos e já aceitou duas letras minhas.

MADAME VARGAS

Tia!

D. MARIA

Ele é tão delicado, que é impossível recusar. E há um ano vivemos nesta despesa de grão-duque sem rendimento! Mas tenho fé Resolves agora tudo.

MADAME VARGAS

Resolvo?

D. MARIA

Então o José? O casamento é a única solução. Que esperavas tu? Um casamento rico. Vem-te rico, jovem e apaixonado.

MADAME VARGAS

Sim. É rico, é milionário, é moço, amante. Seria minha felicidade. Ama-me...

D. MARIA

Mas é a tua felicidade.

MADAME VARGAS

Como, tia?

D. MARIA

Como? Então não aceitaste?

MADAME VARGAS

Aceitei sim, aceitei. Não foi só pela questão de dinheiro. Desde que José tão humildemente me ofereceu a sua mão de esposo, uma

imensa e submissa gratidão me foi enchendo a alma. Aceitei. Mas querer-me ele e desejar eu esse enlace já, é o mesmo.

D. MARIA

Não pode deixar de ser já. A demora é o desastre.

MADAME VARGAS

A quem o dizes! Ele quer, eu quero. Mas há de outro lado as insinuações, as cartas anônimas, os despeitos, tudo quanto tem o rótulo da sociedade. (*Levanta-se*) E há, meu Deus, e há, para suprema infelicidade, Carlos.

D. MARIA

Não se convence?

MADAME VARGAS

Não se convence. Ao contrário. Ameaça fazer um escândalo, ameaça contar tudo.

D. MARIA

Mas é infame.

MADAME VARGAS

Infame, fui eu. Infame que me entreguei, após tanto tempo de honestidade a um rapaz sem escrúpulos. É louco? Mas louca sou eu que me deixei levar, arrastar por ele. Não me olhes assim. Eu estava só, só, sem ter ninguém que me amasse. Agora, não. Agora sinto que não é possível mais, que há uma grande, oh! Enorme diferença entre os dois. E quero realizar minha vida; quero e hei de realizar.

D. MARIA

Realizarás, estou certa. Mas que vais fazer?

MADAME VARGAS

Imagina o que é preciso fazer! Que esforço, que contenção de nervos. Há oito dias, Carlos desconfiou; sentiu que José era mais do que um partido. O seu ciúme as suas cenas! Aumentam hora a hora!

Tia, se Carlos tiver a certeza do pedido de casamento, estou perdida. E ele desconfia.

D. MARIA

Não.

MADAME VARGAS

Mais do que isso. Tem quase a certeza. Está louco. Disse-me ontem no chá.

D. MARIA

E cometeste a imprudência de recebê-lo à noite!

MADAME VARGAS

Viste?

D. MARIA

Não vi, mas tinha a certeza. Não fosse eu mulher! A mulher só tem um recurso contra o ciúme: entregar-se. Esquece que ainda complica a vida.

MADAME VARGAS

Sim, sim. Foi pior. Não imaginas que noite, que pavorosa noite de sofrimento. A insistência sua, a terrível insistência, o nome do outro nos seus lábios que me beijavam com brutalidade! Tinha ímpetos de escorraçá-lo e estreitava-o mais. É preciso o ocultar, ocultar. No dia que souber, conta tudo ao José Não dormi. Só há um recurso, fugir, casar fora daqui, ver-me livre dele. Depois José defender-me-á!

D. MARIA

Minha pobre Hortência!

MADAME VARGAS

E tenho de fingir, continuar a fingir sem que ninguém me ajude. Tia, já não se trata de dinheiro, trata-se da minha honra para um homem que me respeita a ponto de me oferecer sua mão.

D. MARIA

Por que não falas a Belfort?

MADAME VARGAS

Ele vem hoje. Prometeu-me ontem. Só ele que sabe de tudo e é bom e poderá ajudar-me. (*Aparece o criado*)

ANTÔNIO

O Dr. José Ferreira.

MADAME VARGAS

Mande entrar. (*O criado sai*) Deixai-nas sós, tia. Vê que não nos interrompam. A todo o instante penso no outro. Como eu leria vontade de dizer a este toda a verdade, e como é impossível! (*Vai ao espelho, compõe a fisionomia e volta-se a sorrir quando entra José Ferreira com um ramo de rosas, fica perto do puff*) Seja bem-vindo com as suas lindas flores!

JOSÉ

Como todos os dias as flores são suas.

MADAME VARGAS (*vai por as flores no vaso sobre o piano*)

Merci. Mas sabe que é escandaloso? Quem o vir chegar todo dia com um ramo de rosas o que não dirá?

JOSÉ

Que importa, se é para bom fim!

MADAME VARGAS

E a nossa combinação?

JOSÉ

O segredo? É o de Polichinelo. Sabe que falei ontem à mamã?

MADAME VARGAS

Ah!

JOSÉ

Era apenas uma formalidade, mas não podia deixar de a cumprir.

MADAME VARGAS

Fez bem. Que disse ela?

JOSÉ

Ficou contente. Tudo que parece ser a minha felicidade é de resto sempre a vontade de mamã. Sou filho único e ela é só. Imagine que pensa em netos! Mas conhecia-a de vista e acha-a linda. Sabe que causa uma impressão de rainha?

MADAME VARGAS

Lisonjeiro!

JOSÉ

A mamã é uma senhora muito ativa, de costumes rígidos, bem a senhora antiga, esposa de fazendeiro, achando que ninguém pode ser superior aos seus. Sabe, entretanto a sua frase? Disse-me a sorrir: "Aquela senhora tão bonita gostou de ti, José".

MADAME VARGAS

Oh! José!

JOSÉ

Repito o que disse a mamã. E olhe que para falar francamente, de vez enquanto ponho-me a pensar e indago a mim mesmo: como seria isso?

MADAME VARGAS

Senhor Dr. José Ferreira, se viesse sentar-se em vez de dizer isso?

JOSÉ

É a verdade. Quando há dois meses a vi no teatro tive uma tão esmagadora impressão! O coração se fez pequeno, pequeno. Já me disseram que só se fica assim diante das pessoas que nos vão dar um grande bem ou mal irremediável. Lembra-se? Ao entrar no seu

camarote pelo braço do Guedes, não sabia o que dizer. O coração adivinhava e fazia-se pequeno com medo.

MADAME VARGAS (*rindo*)

Felizmente, o medo durou pouco.

JOSÉ

Porque logo se fez amor. Mas nem calcula como esse seu ar tão superior, esse seu ar de imperatriz faz os outros se julgarem menores. Eu tremo sempre de a perder...

MADAME VARGAS

Ilusão! A imperatriz já o vira na plateia e indagava: quem será aquele rapaz diverso dos outros que me olha na quinta fila?

JOSÉ

Hortência!

MADAME VARGAS

É bom gostar um pouco dos outros!

JOSÉ

Amo-a tanto! Hortência, que bem o sinto, o meu amor há de fazê-la feliz.

MADAME VARGAS

José! Conhece-me. Deve-lhe ter dito tanto mal de mim! A fria Hortência, é que despreza todos os pretendentes! Sim! É uma pouco verdade. Nunca amei. Entretanto, não sei por que nesta minha vida, neste inferno de festas, de alegrias que são amargores e amargores que não são alegrias, só uma pessoa dá-me uma impressão de sossego, de paz d'alma, de apoio, de satisfação completa — você. Quando você está, sinto-me tão calma, tão descansada, tão bem! É fé — a fé de que encontrei enfim o meu amigo, o meu protetor, o meu verdadeiro esposo. E o meu coração sente-se então muito largo, muito largo, e eu tenho uma grande vontade de chorar.

JOSÉ

É bom falar-me assim, Hortência. Se eu quisesse dizer-lhe o que é o meu amor, dir-lhe-ia que desejava fazê-lo forte e macio como de aço coberto de veludo, para defender sem a magoar. Porque é superior às outras, porque tem a alma tão alta e a beleza tão altiva, é que precisa de quem lhe abra o caminho, de quem limpe a estrada da pedra e da erva daninha, de quem sob os seus passos estenda o arminho e as rosas. Eu amo-a assim, Hortência. Muito, muito. Se não me desse atenção, se não me quisesse ver, teria desaparecido sem a criminar. Levaria comigo apenas a mágoa da minha inferioridade, e não teria uma queixa e não diria nada. Sabendo que me aceita, que me agasalha, sinto que a vida se completa e que a sorte, trazendo-me a felicidade e fazendo-me bom, completou que a série dos seus bens, dando-me para conduzir a estrela que de longe eu seguia...

MADAME VARGAS

José! José! Eu nunca tive me falasse assim. Eu nunca tive. Se tudo entre nós tivesse de acabar, poderia levar a certeza de uma recordação indelével, a certeza da revelação. É tão delicado e tão bom! Dá-me flores e o seu amor. Quantos me ofereceram isso antes, eu recusei. Ofereciam? Sei lá! Queriam. É você o único que oferta, e tão bem que o perfume da sua alma entontece, e que uma grande vontade de ser boa faz da pobre Hortência alguém que só no mundo o quer. Mas é sonho. Tudo quanto é muito bom não pode ser verdade.

JOSÉ

Por quê?

MADAME VARGAS

Tenho medo daqui, tenho medo de tudo. Enquanto não o conhecia, José, enquanto a minha vida era lutar e resistir nesta sociedade de invejas, de intrigantes e de egoístas, era forte e queria. Tinha de ser. Diante de mim o horizonte se definia sempre igual e pardacento. Agora não. Agora tenho medo, tenho medo de tudo. A cada passo penso que vão destruir a minha felicidade.

JOSÉ
Mas quem?

MADAME VARGAS
Esta vida! Esta gente!

JOSÉ
Mas se eu estou a seu lado?

MADAME VARGAS
O meu desejo era um só — partir. Partir consigo.

JOSÉ
Já agora está assentado o nosso casamento.

MADAME VARGAS
Seria tão bom que não fosse aqui! Escute, José é um estado de nervos, um receio vago inexplicável. Eu não queria que fosse aqui. Partir. Partir. Levar para longe dos curiosos a nossa felicidade e de lá então anunciar.

JOSÉ
Sempre a mesma ideia.

MADAME VARGAS
Guardar o segredo, o segredo imenso do meu primeiro amor.

JOSÉ
Não quer que ninguém o saiba?

MADAME VARGAS
O meu desejo era que o mundo o ignorasse, que fosse depois como uma surpresa irrevogável.

JOSÉ
Eu, ao contrário desejaria que todos soubessem.

MADAME VARGAS

Vaidoso!

JOSÉ

Orgulhoso! Ando tão alegre, tão cheio de felicidade, que só tenho o desejo de irradiar pelos que encontro o meu prazer. O segredo sufoca-me.

MADAME VARGAS

Guarda-o por mim, José, guarda-o. Há tanta gente que não suportaria a nossa alegria! Procurariam envenenar os nossos instantes de prazer, falando, inventando, caluniando. Seria o tormento nas reuniões, a curiosidade indiscreta nos teatros — coisas pior, quem sabe...

JOSÉ

Que importa a opinião dos outros?

MADAME VARGAS

Essa gente vive conosco na mais cordial simpatia, mas ao perceber a felicidade, é uma raiva que lhes dá de despeito e de inveja.

JOSÉ

Dizendo-o a todos, ninguém se atreverá. O mistério dá-me a impressão de que vamos cometer um crime.

MADAME VARGAS

E há maior crime para os outros de que organizarmos a própria felicidade? Não, José Como seria bom partir!

JOSÉ

Mas parto. Sempre acedi aos seus desejos.

MADAME VARGAS (*de súbito, rindo*)

Tu partes num dia, eu parto no outro. Chegamos no mesmo dia. E depois de lá chegar, eu rierei, eu rierei...

JOSÉ

Como está nervosa, Hortência. Nunca a vi tão nervosa como hoje.

MADAME VARGAS

É que não posso mais, José Não posso mais aturar esta gente, esta sociedade. Tudo antes de você. Nada agora, Nem mais um dia, porque um dia é um século. Eu iria, partiria se não fosse primeiro.

JOSÉ

Mas não é preciso tamanha exaltação. Já tanto me falou no mistério e nessa partida, que estou de há muito resolvido.

MADAME VARGAS

Palavra?

JOSÉ

Palavra. Desde que lhe declarei o meu amor, imagina inimigos por todos os cantos. Não é tanto assim! Levei um mês a ouvir o falar de si. E o que diziam? Que era insensível, que era má, que seria incapaz de amar? Vivem a verdade de tudo isso! De mim o que poderão dizer? Nada ou tudo. Que importa se não acredita? Mas vontade sua. Para que contrariar? Acabemos. Amo-a. Quer partir? Que seja já. Mais depressa casaremos.

MADAME VARGAS

José, José!

JOSÉ

Mas que nervos! Que nervos, Hortência!

MADAME VARGAS

Hoje é terça. Partiria amanhã?

JOSÉ

Como?

MADAME VARGAS

Sim, embarcando amanhã, eu seguiria depois de amanhã noutra
paquete, só com a criada tia ficaria. Ninguém saberá senão depois
de estarmos longe tudo se esclarecerá quando dois dias depois os
telegramas disserem o nosso casamento.

JOSÉ

Mas é uma fugida.

MADAME VARGAS

É.

JOSÉ

Dirão, que fugimos juntos.

MADAME VARGAS

Que importa?

JOSÉ

Mas, Hortência, é um estado de nervos...

MADAME VARGAS

Não, é medo. Medo de ver desfeita a única ilusão da minha vida.
Sou só no mundo. Só agora comecei a amar a um ente, quando o
sofrimento já me fizera medrosa. Esta sociedade dilacera-me.
Enquanto não o conheci — não pensava. Agora cada vez penso
mais, cada vez desejo mais. Terá que anunciar uma felicidade a
realizar-se. Realizamo-la antes para fazê-la depois conhecida. Para
que demorar?

JOSÉ

Não me incomoda a opinião alheia. Mas neste caso a maledicência
será contra si. Hortência.

MADAME VARGAS

Que importa, se sabe você bem o que é? O meu desejo é impedir o
travo da felicidade. Se eu não o amasse José, juro que não lhe pediria
isso!

JOSÉ

Como é possível negar-lhe alguma coisa? Mas são duas horas. E eu tenho de levar a mãe à cidade. É obrigação. Logo à noite estarei cá.

MADAME VARGAS

Ainda há tempo de partir amanhã?

JOSÉ

É uma viagem de núpcias inteiramente nova!

MADAME VARGAS

Cada um no seu vapor e antes do casamento! Como vou rir! Como vou rir!

JOSÉ

Mas é preciso não ficar assim nervosa... Porque então não vou nem mesmo à cidade...

MADAME VARGAS

Sim por mim, por mim. (*Pendendo no seu ombro*) Nunca imaginará, José, como lhe quero bem!

JOSÉ

Seria dar-me força para querê-la mais — se fosse possível. Minha querida, sempre tão nervosa!... Até logo.

MADAME VARGAS

Volta para dar-me a resposta?

JOSÉ

Volto à noite. Tranquilize-se. Já lho disse. E juro que parto.

MADAME VARGAS

Meu querido!

(Acompanha-o até a porta. Fica a dizer-lhe adeus porque José passa pela varanda. Depois tem um grande suspiro, distende os braços. Infinita tristeza na face. Instante. Silêncio. Cai numa cadeira junto à janela, meditando. Entra Belfort)

BELFORT

Muito bom dia, Hortência.

MADAME VARGAS

Oh! Barão.

BELFORT

Como vamos de ontem?

MADAME VARGAS

Como fiquei ontem?

BELFORT

Alguma coisa grave?

MADAME VARGAS

Infinitamente Grave. Encontrou José?

BELFORT

Vim do *landaulet*. Não o vi. Trata-se dele?

MADAME VARGAS

Trata-se do drama da minha vida, desta minha desgraçada vida. Não tenho ninguém para desabafar, para me aconselhar num grave momento, a não ser a tia, que é boa e não tem inteligência, e o senhor que é inteligente...

BELFORT

Mas não sou bom.

MADAME VARGAS

É o melhor dos homens.

BELFORT

Não diga isso. Sabe bem que só pode ser bom para uns o que é mau para outros. (*Desce a ela*) Mas como está nervosa! Pobre Hortência! Que coração o seu! Sabe a que a comparo? A uma flor cujo viço depende de muito cuidado e que jaz para aí sem esse cuidado à mercê da intempérie. Diga-me. Vai casar sempre?

MADAME VARGAS

Barão, sabe toda a minha vida. Nunca lhe oculte nada porque seria inútil. Sabe mesmo antes que lhe digam. Sim. Quero realizar esse casamento. Que pensa ele?

BELFORT

É uma solução, a única mesmo.

MADAME VARGAS

Não lhe pergunto a opinião que faz de José Vejo que o acha melhor do que os outros.

BELFORT

É raro. Bom, nobre, sério, escandalosamente sério. Só não me atrevo a rir da sua inverossímil seriedade para que os outros seriamente não se convençam de que não há perigo em continuarem patifes.

MADAME VARGAS

E pensa como eu desta gente!

BELFORT

Engana-se. Não penso, classifico. No dia em que cada homem sério quiser organizar-se um pouco à maneira de um gabinete de identificação, a sociedade melhorará quase tanto como o desejam os socialistas. Será apenas o uso intensivo da precaução, — da ciência da precaução. Mas em tudo isso, minha querida Hortência, o essencial é não sofrer. Todos nós desejamos não sofrer. E parece que sofre pelo menos uma grande preocupação. Não é o José? Esse ama-a leal e sinceramente...

MADAME VARGAS

É a minha vida.

BELFORT

Só?

MADAME VARGAS

Estou incapaz de continuar, estou sim, cansada de sofrer. Não posso mais. Conhece-me há muito, barão. Não me queixo nunca. Mas já não posso.

BELFORT

Não se trata mais de lutar. Trata-se de um sentimento.

MADAME VARGAS

Sim, talvez.

BELFORT

A sua vida tem sido à espera da felicidade.

MADAME VARGAS

Com que desejo a espero!

BELFORT

Desta vez está a tê-la nas mãos...

MADAME VARGAS

Barão, sou muito infeliz! Nunca fiz mal a ninguém por vontade. E, entretanto parece que tudo se revolta contra mim. Sabe o que se passa?

BELFORT

Q que não podia deixar de ser, minha boa Hortência. Acabou por amar deveras um homem digno que a pediu...

MADAME VARGAS

E de repente, quando tenho a felicidade, quando a sinto ao alcance da mão, após uma vida de esforço, de sacrifício, de tormento oculto, o único momento de loucura, o único instante de esquecimento desta vida exemplar, ergue-se como o desastre.

BELFORT

Como?

MADAME VARGAS

Lembra-me a sua frase, há dois meses, na legação do Japão... "Há pequenas tolices que são grandes desastres". O senhor olhava Carlos com um frieza terrível. Compreendi que sabia, que tinha sabido.

BELFORT

A velhice torna infalível a observação.

MADAME VARGAS

Eu, entretanto já antes o compreendera também. Abandonara-me a um desvario de momento, a um desejo mais forte, e estava à mercê de uma criatura egoísta, seca, brutal, um rapaz que tem a prática da maldade de um velho. Precisava dum consolo. Tive um aro de ferro que me serra, que me cinge, que me aperta. Antes de poder escapar-lhe, veio José. É tão diferente!

BELFORT

É não pensar senão no José...

MADAME VARGAS

Ah! Não posso. Infelizmente não posso. Viu ontem Carlos no chá?

BELFORT

Fazia acena do ciúme insolente.

MADAME VARGAS

Desconfiou que há da minha parte mais do que simples interesse por José. Desconfiou e eu neguei. Neguei por medo, neguei por covardia. Quanto mais eu nego, porém, mais o seu ciúme quer, mais

exige. Vivo num tormento. Não posso mais. Se confesso, sinto-o bastante capaz de, por vingança, ir dizer ao outro a minha falta. Se nego, tenho de fingir, de fingir amor por um ente, que não amo, que não amei nunca, que apenas me entonteceu. Como é fátuo, como mau, como é cruel esse rapaz, meu amigo. Não! É preciso acabar com isso já. Mesmo que não case com o José, não poderei mais suportá-lo!

BELFORT

Tenha calma.

MADAME VARGAS

Só a um homem como o senhor falo como a mim mesmo. Sou bem uma infeliz. Sabe o meu orgulho de menina, a minha vaidade. Recalquei o desejo, com a ambição de triunfar. Era bela, a intangível. Casaria com um grande nome. Há dez anos — em torno de mim amontoaram-se os desastres. Fugi do amor, e quando esse amor estava para chegar, ainda o desastre, o maior, o insuperável me fez ruir todas as esperanças. Não quero! Não quero, não! É demais. Porque preciso vencer, porque quero ser digna — porque amo.

BELFORT

Mas não se exalte.

MADAME VARGAS

Chegou ao auge, meu amigo. É a tortura, estou nas mãos de Carlos, sabe? Inteiramente em suas mãos. Ele conta tudo se souber que eu caso. É o escândalo. Pior. E o meu fim.

BELFORT

Não fará isso.

MADAME VARGAS

Jurou-me. E faz. Sei que faz, para muito mais. Conhece-o?

BELFORT

Vi-o menino.

MADAME VARGAS

Tem-se por *chic*, tem-me por prazer mau, tem-me como se tem uma tem uma presa. Dei-lhe o que uma mulher tem de mais caro: a reputação. Como? Não sei! Era a sua impertinência, era a sua ciência de tentação. Eu estava só, havia tanto tempo... Se pudesse ser perdoada, teria apenas para o perdão essa terrível expiação de todos os momentos, sentindo-o a fingir amor, a gozar, a mandar, a dispor da minha honra, da minha vida, por vaidade, por egoísmo, por maldade.

BELFORT

Mas não fará nada disso.

MADAME VARGAS

Não o conhece.

BELFORT

Mais do que supõe. Quer ter confiança em mim?

MADAME VARGAS

É a única pessoa que me merece.

BELFORT

Que pretende fazer?

MADAME VARGAS

Fingi até agora, fingi com pavor, com a ideia única de salvar-me. Tudo, menos que o José venha-a saber. E consegui, consegui tudo. O José embarca amanhã. Eu sigo-o. Se ele não cometer a sua ameaça até amanhã, estou salva!

BELFORT

É apenas uma criancice. E o José embarca?

MADAME VARGAS

Pedi-lhe tanto!

BELFORT

Mas, minha querida Hortência, fugir é levar o tiro pelas costas.

MADAME VARGAS

Que fazer? Eu não sei! Já não penso.

BELFORT

É simples. Dizer-lhe tudo.

MADAME VARGAS

Nunca!

BELFORT

Carlos é de uma família honrada: refletirá.

MADAME VARGAS

Não! Não! Quero partir!

BELFORT

Partir é secundário. É preciso apenas partir com a certeza de que esse rapaz não lhe fará uma infâmia ao saber do caso.

MADAME VARGAS

Fa-la-á, barão, fiá-la-á!

MARIA (*à porta*)

Hortência. (*Os dois voltam-se, D. Maria faz um sinal significativo*)

MADAME VARGAS

Ei-lo aí. Vê? Volta! Está continuamente aqui. Volta a ameaçar-me.

BELFORT (*resolução súbita*)

Recebo-o eu.

MADAME VARGAS

Barão, por quem é!

BELFORT

Deixe-nos sós, Hortência. É muito grave o que se passa. Sou eu quem lho diz. Juro que lhe darei a felicidade. Deixe-me conversar um pouco com ele. Bastará isso. Depois venha falar-lhe.

MADAME VARGAS

Não me perca! Não me perca!

BELFORT

Nunca dou um passo sem a certeza do que vou fazer. Vá. (*Leva-a com autoridade até a porta, fecha-a. Senta-se numa poltrona*) Há quanto tempo não via um pequeno drama em pleno desenlace. Vai ser realmente delicioso! (*Recosta-se com indiferença*)

CARLOS (*entrando, surpreendido*)

Oh! O senhor?

BELFORT

Bom dia, jovem Carlos.

CARLOS

Pensava tudo menos encontrá-lo agora.

BELFORT

Goza você da mesma surpresa que eu. Também não contava.

CARLOS

Madame Vargas?

BELFORT

Acaba de sair daqui.

CARLOS

D. Maria?

BELFORT

Ainda não a vi. Anda de certo nos arranjos da casa. Pobre D. Maria!

CARLOS

É uma boa senhora.

BELFORT

Quem sabe? Não há ninguém bom nem mau completamente. As pessoas são como as ações. Tomam o aspecto do momento. Há ações que encaradas sob o prisma da rigorosa moral parecem pouco apreciáveis, e que, entretanto, se pensarmos bem, sem moral, chegam a ser desculpáveis.

CARLOS

Sempre moralista!

BELFORT

E dos melhores, porque compreendo a imoralidade geral sem regenerá-la. Mas como nós divagamos!

CARLOS

Talvez do calor!

BELFORT

É que ambos temos uma preocupação forte.

CARLOS

O barão tem alguma?

BELFORT

A de querer conversar com você.

CARLOS

É o que fazemos.

BELFORT

Conversar a sério. Em geral conversamos muito para não dizer nada. Escondemos o terrível diálogo do silêncio. Desde que chegou, você pergunta: que me queres tu? E eu respondo; já te direi!

CARLOS

É imaginoso.

BELFORT

É, como vê, muito triste. Não negue. O nervosismo impaciente da sua atitude parece traí-lo. Que quer fazer?

CARLOS

Mas... Nada.

BELFORT

Ainda bem. Há pouco, depois do almoço, vim ver Hortência e soube de coisas muito interessantes.

CARLOS

Ah!

BELFORT

Sente-se aqui. Tenho por Hortência uma grande amizade, a amizade que se tem pelos que não conseguem realizar a felicidade, tendo todas as condições para obtê-la. Hortência, não sei se sabe? Continuando depois da morte do marido, a mesma vida de fausto, está sem recursos. Ou antes, tem pouco para manter uma vida que é a razão de ser da sua existência. A aparência! Como a aparência leva à ruína neste país! Hortência soçobra, porém, sem salvamento. Falta-lhe um auxílio forte, falta-lhe um homem.

CARLOS

Ah!

BELFORT

Claro que com a sua altivez e a sua intangível honestidade ela não aceitaria nem aceitará nunca auxílios de dinheiro estranho. Qual a

solução que você apontaria à nossa pobre amiga, que não sabe ser senão bela e gastadora — para a salvar do cataclismo?

CARLOS

Francamente...

BELFORT

Ela está bem num dilema, não acha?

CARLOS

Compreende esta confiança imprevista...

BELFORT

Da minha parte, não há dúvida, deve espantá-lo. Mas nós conversamos muito. E há de fato uma solução providencial, a solução que noventa e nove vezes sobre cem acode as pessoas acostumadas ao luxo, quando o luxo vê que as vai perder. Hortência, no seu desastre financeiro, conserva a maior dignidade e a maior pureza. Dela até agora, nem suspeita. Quer um charuto?

CARLOS

Obrigado, não fumo.

BELFORT

Inibe-se com isso de dois prazeres; o de devanear e o de perder a memória, o que em certos casos é excelente. Mas onde estava eu?

CARLOS

No dilema.

BELFORT

Não. Um pouco mais adiante. Na providência. Creio que o não fadigo.

CARLOS

Ao contrário.

BELFORT

E a providência, como sempre providencial, arranhou a solução...

CARLOS (*explodindo*)

Barão, por que me tortura, há tanto tempo?

BELFORT

Mas não. Procuo as palavras. Quero apenas fazê-lo refletir.

CARLOS

Ela vai casar, ela aceitou o casamento?

BELFORT

Ela aceitará.

CARLOS

Com ele?

BELFORT

Que importa que seja com ele ou com outro? É a salvação.

CARLOS

E mandou chamá-lo para me dizer isso?

BELFORT

Como amigo que a respeita e que deseja a sua felicidade.

CARLOS

Só isso, barão, só esse ato dela, mostra que eu tenho um pouco de razão. Não teve coragem de me dizer face a face.

BELFORT

Estima por você talvez.

CARLOS

Estima! A ironia dessa palavra! Estima! Dou-me a ela, hipoteco-me à sua vontade, vivo por ela, pensando, sonhando nela, num

sentimento imenso de dedicação, de amor, escondendo-me, humilhando-me. E quando após três meses, ainda é maior o meu sacrifício, casa com outro e manda-me dizer que eu reflita. Há de convir que é cômico.

BELFORT (*impassível*)

A vida é uma dor contínua que se finge não sentir — como medo de não mais a sentir. Que se há de fazer?

CARLOS

Mas para que fingir?

BELFORT

Você engana-se. Não fingiu até agora nem finge. Outra fosse a situação e estou certo de que não a veria sofrendo. Foi você a sua única loucura.

CARLOS

Uma loucura que passa à passagem da primeira conta corrente.

BELFORT (*leve impaciência*)

Carlos, você esquece que eu respeito madame Vargas.

CARLOS

Mas é o senhor mesmo quem me dá as suas razões.

BELFORT

E esquece que eu o conheço muito bem.

CARLOS

Trata-se de um caso diverso, trata-se de outra coisa.

BELFORT

E esquece também que não a pode prejudicar, não tem o direito de o fazer.

CARLOS

Que me importa?

BELFORT

E esquece até mesmo a sua situação, que me abstenho de definir.

CARLOS

Diga. Continue. A minha situação miserável, a situação que no primeiro momento envaidece, mas que só se compreende depois. Diga. Ela é a grande dama, que esqueceu alguns meses o seu dever. Eu sou o rapaz sem conseqüências. Bem vestido, filho de boa família, mas sem profissão e sem dinheiro. Quando vem o interesse, allons oust! Seja cavalheiro e passe muito bem. Simplesmente o inferior! Ah! Meu caro barão, você não compreenderá nunca a fúria de amar, quando a gente se sente inferior. É uma miséria, é um nojo, é um desespero. A maioria dos desclassificados vem do amor em que eram inferiores. Eu sou inferior. Eu não tenho dinheiro. Se ela fosse rica, eu seria apenas o preferido, o manteúdo! Oh! Sim. Havia de bater-lhe para mostrar que antes de ser dela, ela é minha. Há mais, porém. Sou o preferido secreto que ela arreda para casar com outro. E então tudo quanto ainda tenho de nobre, que é um desesperado orgulho, me sobe à cabeça. Tenho ciúmes, ciúmes idiotas, sem razão de ser. É uma luta. Vou quase a ceder e de repente vem-me palpável a lembrança dela e dele, que é estúpido, que é rico. Estúpido, rico e forte... Penso que ele sabe, que ele me despreza. Penso que ela acabará desprezando-me também, satisfeita em tudo com um espírito que se deixe dominar, com o dinheiro para gastar e além disso, com um homem forte e moço! Meu Deus! Eu já sabia que ela ia casar. Ao ver esse pobre diabo, que só a leva pelo dinheiro e pela posição, adivinhei. Então agarrei-me aos últimos instantes de dúvida, desejei-a como quem rouba, violei-lhe a fraqueza como um salteador, entontecia de medo, de susto, de pavor...

BELFORT (*frio*)

E vai tranquilamente deixá-la em paz!

CARLOS

Como?

BELFORT

Para que esse desespero? Você é moço. A juventude pensa que tudo acaba, quando tudo continua. Para que tanto drama? Raramente as mulheres valem uma loucura. Talvez por isso não há mulher que não tenha enlouquecido um homem. Ou dois. Ou mesmo três. Mas não importa. As mulheres são pequenos vasos de cristal transparente. Não tem cor. Nós é que lhes pomos a tinta da nossa ilusão. Vemo-las azuis, rosas, ou negras retiradas a tinta, meu rapaz, os vasos continuam sem cor. Você tem um temperamento que eu conheço bem. Ela, porém é um pouco diversa de você. Acabou. Acabou tudo. Retire a tinta. Outros amores virão. E o que fizer sofrer a outras mulheres compensá-lo-á do que não pode mais fazer a Hortência.

CARLOS

O senhor não acredita na minha dor, barão?

BELFORT

Meu caro Carlos, decididamente exagera.

CARLOS

Exagero?

BELFORT

Não quererá fazer-me crer numa paixão fatal por Hortência. Conheço-o muito bem. Uma paixão fatal é profundamente aborrecido. Trata-se de uma conquista mundana, aquilo por que vocês todos almejam: a mulher bonita de sociedade, que se assalta uma noite de baile, que se envolve em luxúrias aprendidas nas pensões, e que se conserva mesmo às escondidas como um brasão, porque posa bem. Oh! Não! Interromper-me para quê? É exatamente isso depois a paixão ocupa. Entra uma Renée e uma Glória qualquer e sempre elegante, o luxo gratuito de uma senhora a quem se domina pela revelação libidinoso, pelo próprio terror do escândalo...

CARLOS

Barão! Não me confunda com essa gente. O seu ceticismo aniquila a vontade que tenho de convencê-lo! Não! Eu não quero impedir a felicidade dela, eu sei que sou transitório, que não devo ser levado em conta. — Ela pode casar. Mas não com aquele, não com ele. Esse não! Não!

BELFORT

Por quê?

CARLOS

Não sei! Já não sei o que digo! Mas não. É instintivo, é uma revolta furiosa.

BELFORT

Uma pequena revolta. Compreende-se. Outro qualquer não reuniria as qualidades que tanto o incomodam no José é por consequência uma questão de despeito, de vaidade. Tanto mais dolorosa quando é na sombra, sem que ninguém saiba. Mas por isso mesmo nobre, mais nobre. Hortência falou-me do receio que o seu ciúme lhe causa. Teme desgraças, horrores. Logo a tranquilizei lembrando: Carlos é um cavalheiro. A nossa palestra tem esse fim. Você vai deixar de ameaças que não são um prodígio de galanteria.

CARLOS

Eu não ameaço, só eu faço.

BELFORT

Você vai deixar de pensar em fazer.

CARLOS

Veremos.

BELFORT

Desejo convencê-lo apenas.

CARLOS

Que me importa a mim ela? O respeito é recíproco. Tramou um casamento e pôe-me na rua sem satisfação. Vingo-me estou no meu direito. Não é capaz de dizer-me que o procedimento dela é moral?

BELFORT

Não discuto o acaso, que tem contingências. Nada é moral. Mas acho que tudo é digno quando se procura conservar com sacrifício de um, de cem, ou de um milhão de homens a honra de uma senhora.

CARLOS

É uma opinião de efeito para as mulheres.

BELFORT

A melhor, Carlos, que, peço aceitar.

CARLOS

Manda-me embora. É a primeira mulher que me despede! Vingo-me.

BELFORT

Mas sou eu quem lhe peço.

CARLOS

Em nome de quem?

BELFORT

Em seu nome, em nome de seu caráter, primeiro: em meu nome depois. Sou um velho amigo da sua família, de seu pai.

CARLOS

Oh! Meu pai!

BELFORT

Por ser amigo de seu pai, encontrou-me você sempre...

CARLOS

Oh! Barão. Creio que não vai trazer à coleção uns pedidos de rapaz para peitar a minha consciência.

BELFORT (*impaciente*)

Se tem essa consciência, deveria ter começado por não ameaçar uma mulher sem defesa. Mas se a retoma agora, deve respeitar-me.

CARLOS

Entre o respeito que possa ter pelo senhor e esta questão em que o senhor nada tem, há um abismo.

BELFORT

Carlos, seria melhor não azedar esta palestra. Peço-lhe em meu nome ainda uma vez, em nome de um velho cético que já lhe pagou algumas contas.

CARLOS

O senhor alega-me coisas que de certo não fez com o fim de se fazer meu tutor em questões de mulheres?

BELFORT

É um caminho errado esse. Estás a mostrar a alma demais. E se eu quisesse alegar?

CARLOS

O quê?

BELFORT

Eu poderia lembrar há cinco anos a sua entrada na minha casa.

CARLOS (*senta-se bruscamente*)

Barão! Barão!

BELFORT

Eu poderia recordar a sua fisionomia desmudada, o seu gesto nervoso, os seus soluços.

CARLOS

Barão é pouco generoso o que faz. Não é de um homem como o senhor!

BELFORT

Eu poderia dizer-lhe as minhas reflexões diante dessa pequena falta, em que se mostrou com lucro tão mau imitador...

CARLOS

Mas não é digno! Não é digno!

BELFORT

Eu poderia lembrar que tenho todos as provas de um desvairamento da sua juventude, fui tão pouco generoso que guardei esse documento num canto e nunca mais dele me lembrei.

CARLOS (*prostrado*)

Barão! É o senhor o único homem que me pode falar assim. Não! Não continue. Eu não sei o que faço. Eu não sou mau, não, não sou! É a fatalidade. A fatalidade que me fez um gozador sem fortuna, um leviano, um pobre rapaz leviano. Tudo é contra mim. Até agora. Até agora. É o desespero que me leva a ameaçar Hortência. Eu aceitaria tudo menos o outro. E até aí a minha desgraça o faz ganhando a partida. Porque lembrar o que foi mau, por que lembrar o que passou há tanto tempo?

BELFORT

A nossa palestra termina.

CARLOS

Eu sou-lhe muito grato, muito, muito. Aquilo o senhor fez, não por mim, mas pela minha família. Para que recordar, se continua amigo de meu pai? Esse desvario passou. Nunca mais. Nunca mais. Não precisava vir com o espectro do passado ameaçar-me.

BELFORT

Não ameaço. Valorizo o meu pedido.

CARLOS

Foi mau, foi tão mau! Disso só o senhor e eu sabemos. Nada mais resta... Não precisava lembrar tanta coisa. Eu sou eu. Não precisava fazer valer em defesa de uma criatura que eu amo, esse processo tão esquisito, tão policial...

BELFORT

Diga a palavra. Essa chantagem. Graças aos deuses a chantagem não é só para as coisas ruins. Mas a nossa palestra findou. Levou-me a excessos de que me arrependo. Pedia-lhe que refletisse. Ainda o peço. E tenho tanta confiança na sua prudência que o deixo só.

CARLOS

Faz muito pouco do homem a que trata tão mal!

BELFORT

Não espero tudo do seu cavalheirismo. (*Consultando o relógio*) Oh! Esperam-me no clube para uma partida séria. Carlos vai ter com Hortência uma última palestra. Seja um homem digno. E não volte mais aqui. Se precisar (*põe o chapéu, à porta, elegantíssimo*) uma estação d'águas, vá falar-me. Não volte. (*Sai*)

(*Carlos anda nervosamente, morde os pulsos, está furioso*)

MADAME VARGAS (*abre a porta da direita de repente*)

Belfort?

CARLOS (*estacando*)

Foi-se.

MADAME VARGAS

Ah!

CARLOS

Contou-me tudo.

MADAME VARGAS

Tudo?

CARLOS

O teu casamento, o José Ferreira, a situação.

MADAME VARGAS

Não são coisas definitivas.

CARLOS

Mas vão ser. É inútil mais rodeios. Falou-me como tu, friamente.

MADAME VARGAS

Ai de mim!

CARLOS

Falou-me como um negociante. Convenceu-me.

MADAME VARGAS

De quê?

CARLOS

De que somos todos do mesmo pano, assaz infames: ele, tu, o noivo e eu. Cedemos um pouco cada um de nós e as coisas irão da melhor maneira, no melhor dos mundos possíveis.

MADAME VARGAS

Se pensas assim...

CARLOS

Pensamos. Pensamos todos assim numa peça bem imoral...

MADAME VARGAS

Em que não tens o melhor papel.

CARLOS

Nem tu.

MADAME VARGAS

Acho esquisito que tivesses ficado para dizer insolências.

CARLOS

Não as direi mais.

MADAME VARGAS

Belfort falou-me. É um amigo comum.

CARLOS

Extraordinário, absolutamente extraordinário, é o que ele é.

MADAME VARGAS

A tua insistência, os teus ciúmes não me davam coragem para te expor a salvação da minha vida. Chamei-o como a única pessoa capaz de te convencer.

CARLOS

Convenceu-me. Mas por que chamá-lo? Que se deu? O que eu pensava? Bastava que me tivesse dito logo no primeiro dia. Sou um cavalheiro, sou ao menos teu amigo. Compreendo as necessidades. Compreendo muito bem. Para que fingiste? Tu é que andaste mal.

MADAME VARGAS

Eu? Se não tivesse estabelecido um cerco angustioso em torno de mim, a espreitar, a entrar a todo o instante, a responderes quase com ódio, se não tivesse a cada passo uma cena terrível de ameaça, teria agido doutro modo. Mas tu viraste meu inimigo.

CARLOS

O amor é cego.

MADAME VARGAS

Sabes que detesto frases vazias.

CARLOS

Eu também. Principalmente ditas por nós.

MADAME VARGAS

Esse tom de impertinência vai-te mal.

CARLOS

Não sei por quê.

MADAME VARGAS

Devo lembrar-te que falas comigo.

CARLOS

Estou certo.

MADAME VARGAS

Eu é que estou cansada, ouviste? Esses teus modos são para outro lugar.

CARLOS

Não se trata aqui da minha educação. Trata-se de um arranjo. Eu estava estorvando vem o Belfort e eu cá estamos prontos. Nada de *talon rouge-apaches!*

MADAME VARGAS

Longe de me acalmar, tudo quanto dizes mais me excita. Se tivesses aceitado razoavelmente os fatos, não dirias grosserias.

CARLOS (*rompendo*)

Mas vocês são engraçadas! Vocês são tão boas como as outras, vocês têm amigos, vocês têm protetores, com que combinam enganar a humanidade...

MADAME VARGAS

Carlos!

CARLOS

E no momento em que lhe falamos como a iguais, ficam imensamente ofendidas.

MADAME VARGAS
Carlos! Carlos!

CARLOS
Que temos?

MADAME VARGAS
É demais. Não me afrontes mais. É indigno o que fazes.

CARLOS
Somos iguais. Nada de poesia.

MADAME VARGAS
Nunca pensei que me humilhasses assim... Não podias fazer.

CARLOS
Não se trata do que eu possa fazer.

MADAME VARGAS
É uma miséria! E dizer que me entreguei a um grosseirão da tua ordem!

CARLOS
O papel de vítima vai-te mal.

MADAME VARGAS
Esqueci todo o meu passado, o meu nome, o meu faturado.

CARLOS
A bela lamentação!

MADAME VARGAS
Meu Deus!

CARLOS

Mas não perdes o futuro, fica certa. Que é preciso fazer? Desaparecer? Acompanhar o casamento?

MADAME VARGAS

Tenho pena de ti, Carlos!

CARLOS

Em troca eu tenho-te inveja!

MADAME VARGAS

Para que cavar entre nós o abismo das más palavras?

CARLOS

Há um maior.

MADAME VARGAS

Há a fatalidade — o que não podia deixar de ser.

CARLOS

Achas?

MADAME VARGAS

Mas o que desejas tu, afinal? Que eu perca minha posição social? Que me denuncie publicamente tua amante? Que eu case contigo? Dize. Não podemos continuar definitivamente nesta situação, em que me colocas. Não te bastou o meu orgulho. Queres ver-me vilipendiada, corrida. O meu erro foi pensar um momento que tinhas por mim alguma feição.

CARLOS

Hortêncial!

MADAME VARGAS

Não vens nunca senão com a ameaça. O teu amor é a violência e a afronta. Que queres tu afinal? Dize que eu faço. O barão falou-te. Estou arrependida de lho ter pedido. Era melhor, sem receio, desde

que é esta a minha situação, arrostar com tudo. Vamos, a saber. Queres casar comigo?

CARLOS
Hortência.

MADAME VARGAS
Queres? Essa seria a melhor das hipóteses para mim e é irrealizável. Sabes bem que é E as outras? As outras são o meu desastre apenas.

CARLOS
Quando se ama não se reflete como tu refletas. O teu casamento é um pretexto para me afastar. Já não me queres.

MADAME VARGAS
Não quero loucuras, não quero o meu sacrifício inútil — inútil porque não o compreenderias. Por enquanto eu sou a Bela Madame Vargas que requestas numa linda vila na melhor sociedade. Seria a mesma amanhã seguindo-te na miséria?

CARLOS
Para que frases?

MADAME VARGAS
Quero ao menos saber francamente o que desejas. Esta é a nossa última explicação. Fala.

CARLOS
Para quê?

MADAME VARGAS
Fala, dize o que desejas o que se poderá fazer?

CARLOS
Ora!

MADAME VARGAS

Dize sempre. Dize... Ficaremos com a situação clara.

CARLOS

O amor é o sofrimento.

MADAME VARGAS

O amor é a dedicação. Mas não fales de amor!

CARLOS

Falo, falo, sim. Queres saber? Sofres? Eu sofro muito mais. Já não vivo senão com a tua ideia, ideia de egoísmo, de ambição, de desejo, seja! Mas tu! Cada um ama como pode. Há três meses que me importava ir com outro... Casares? Há dois meses mesmo! Hoje eu não posso, eu não quero, oh! Sim! Não quero, não! Ver-te com outro, só a lembrança me enche de sangue a cabeça e me atordoia.

MADAME VARGAS

Não divagues Carlos. Fala a verdade.

CARLOS

Digo o que sinto.

MADAME VARGAS

Dize inteiramente.

CARLOS

Não quero que cases.

MADAME VARGAS

Que devo fazer então? Casar contigo? Fugir contigo?

CARLOS

Hortência!

MADAME VARGAS

Mas completa o teu pensamento, tem a coragem de completá-lo, dize o que ambos sentimos há muito tempo. Não é o meu casamento

que te preocupa. Quantas vezes falas-te dele a rir como uma coisa fatal.

CARLOS
Hortência!

MADAME VARGAS

Não te incomodava eu ser de outro, não te aborrecia isso, o sangue não te enchia a cabeça nessa ocasião. Eu que te ouvia, tu que falavas como éramos iguais! Tem, pois a coragem da verdade. Não te aborreceria que eu desposasse fulano ou sicrano, o deputado Guedes ou o banqueiro Praxedes. O que te incomoda, o que tu não queres é que seja o José.

CARLOS

Pois si. Confesso. É verdade. Odeio-o, odeio-o. Não me revoltaria se casasse com outro. Mas com ele não! Com esse nunca! Com ele é que não quero.

MADAME VARGAS
Por quê?

CARLOS

Não sei, não sei!

MADAME VARGAS
Por que é rico?

CARLOS

Não sei.

MADAME VARGAS
Por que é moço?

CARLOS

Não quero! Não quero!

MADAME VARGAS

Por que é digno?

CARLOS

Como eu adivinhava! Antes de ser comerciante, és bem mulher. Sim, não quero que cases com ele, confesso-o, porque é rico, é moço, é digno, porque é estúpido, porque o amas. Sim. Gostas dele! É o único de quem tu gostas. Cada dia gostas mais. Cada dia mais. Vi, senti, tive a certeza. Eu fui a loucura que se recorda com horror. Ele é o teu amor.

MADAME VARGAS

Estás louco. Fala baixo.

CARLOS

Não negues, não mintas também. Acabemos com isso. Há um mês que lutamos eu e tu — eu querendo saber, tu a fugir. Vieste. É um bem sabes o que eu penso. Mas eu sei o que tu sentes. Esse imbecil conquistou-te! Todos nós colaboramos para que ele ficasse em foco. E tu amaste-o ao vê-lo. E tu me abandonas por causa dele.

MADAME VARGAS

Não!

CARLOS

Não ocultarias, se o não amasses. E fingiste, fingiste! Para que fingiste tanta razão, tu que é tão doida como qualquer de nós? Para que fostes buscar Belfort, para acabar as nossas relações?

MADAME VARGAS

Pela tua exasperação contínua. Com medo de ti.

CARLOS

Medo por ele! Só por ele! Ele é o alfenim a que tu vais pertencer e não deve ser incomodado. A sociedade! Os teus credores! Mas continuarias comigo apesar da sociedade e dos credores, se não fosse ele. Tudo por ele, só por ele!

MADAME VARGAS

Medo por ti, por mim.

CARLOS

Eu é que grito agora: deixa de farsa! Mas escuta, vem cá. Há instantes lembrastes as minhas conversas sobre a possibilidade do teu casamento. Pois bem. Dize-me cá: se casares com ele, continuaríamos os dois os mesmos?

MADAME VARGAS

Mas é indecente o que fazes Não estás no teu juízo. Tudo o que dizes é desvario.

CARLOS

Por que eu sei que não será, compreendes? Eu sei. Ele adquiriu-te completa com a estupidez e o dinheiro. Já viste um imbecil enganado pela mulher? Nem que case com uma meretriz!

MADAME VARGAS

É demais! É demais! Carlos vai-te. Tinha de acabar assim a nossa afeição pensarás depois na grande dor que me dás! Vai-te. Não posso mais! Não posso mais! Está tudo acabado!

CARLOS

Como o amas! Como queres ver-te livre de mim para realizar com ele toda a tua ambição! Atiras-me à rua como um trapo, como uma bola de papel. Mas é que não sabes que eu não quero.

MADAME VARGAS

Não queres o quê?

CARLOS

Não quero que case contigo.

MADAME VARGAS

É uma baixeza que não farás.

CARLOS

Nunca mulher nenhuma me abandonou. Vais ver.

MADAME VARGAS

Não farás. Não será possível!

CARLOS

Nem tu, nem as conversas de Belfort, nem cem como tu.me poderiam deter.

MADAME VARGAS

Dir-lhe-ei tudo, contar-lhe-ei tudo, antes de ti. Ele me perdoará.

CARLOS

Antes de lho dizeres, vou eu dizer-lho!

MADAME VARGAS

Carlos, não transformes o meu sentimento por ti em ódio. Carlos (*pegando no chapéu*) — o teu sentimento por mim agora é medo. Mas não creias que me dominarás, que me vencerás. Ele não casará contigo.

MADAME VARGAS

Ele é um homem de bem. Não te ouvirá.

CARLOS

Gritarei!

MADAME VARGAS

Correr-te-á!

CARLOS

Não o fará, ouviste? Não o fará! Não se trata mais de mulheres doidas e de velhos tolos. Trata-se de homens, estás ouvindo? Madame Vargas. (*Precipitando-se*) — Carlos! Carlos!

CARLOS (*no auge da fúria, agarrando-lhe os pulsos*)

Fica sabendo. Fica sabendo bem. Havemos de contar-lhe tudo, ouviste? Havemos de ver-lhe a decepção de idiota. E ele não correrá ninguém, porque se der um passo — mato-o! (*Atira-a sobre as cadeiras, sai*)

MADAME VARGAS (*soluçando*)

Carlos! Carlos! Carlos! O pano cerra-se bruscamente.

ATO III

O mesmo cenário do segundo ato, seis horas depois. E o salão de música à noite. Há um extraordinário luar que inunda os espaços e se alastra fora pelo terraço. Das janelas e da porta vê-se bem o luar. A varanda está toda cheia de luz da noite. Estão no salão: Madame Vargas, Belfort, Baby Gomensoro, Madame Azambuja, D. Maria, Julieta, Carlota Pais, Gastão, Deputado Guedes e José Ferreira. Quando levanta o pano todos em roda do piano dão palmas e aplaudem Madame Azambuja que termina o segundo noturno de Chopin.

BABY

É realmente admirável.

GUEDES

Vossa excelência toca divinamente.

CARLOTA

É a alma de Chopin.

BELFORT

Eu ficaria reconciliado com os pianos, se todos os amadores fossem como Madame Azambuja.

MADAME VARGAS

Não sei esse noturno deu-me vontade de chorar.

D. MARIA
É porque estás nervosa.

JOSÉ
Ainda tem dor de cabeça?

MADAME VARGAS
Ainda, um pouco.

BABY
Deixe de cuidados demasiados. D. Hortência não podia deixar de estar nervosa.

MADAME VARGAS
Ora esta. Por quê?

BABY
Um noturno de Chopin com este luar!

CARLOTA (*indo à janela*)
Está realmente um luar deslumbrante.

GASTÃO
Muito bonito.

MADAME AZAMBUJA
Um luar para tragédias.

BABY
O Dr. Ferreira, avistamos a sua casa de cá?

JOSÉ
Não, *mademoiselle*.

GUEDES
Está uma claridade de dia...

MADAME AZAMBUJA

Fica a gente romântica. Lembra Shakespeare.

JOSÉ

Romeu e Julieta...

JULIETA

Verona...

D. MARIA

Urna escada de seda.

CARLOTA

E os versos do Bilac.

(Madame Azambuja fica a tocar languidamente, enquanto em torno e perto da porta conversam Madame Vargas e Belfort no primeiro plano)

BELFORT

Por que está tão abatida?

MADAME VARGAS

A cabeça estala-me, já não posso ter mão em mim. É o máximo da resistência.

BELFORT

Mas por que abandonar a coragem no último momento?

MADAME VARGAS

Por que é o desastre.

BELFORT

Que ideia triste. Vai partir e tudo será pelo melhor, ao contrário.

MADAME VARGAS

É que não pode imaginar o que se passou com Carlos. A sua presença exarcebou-o.

BELFORT (*vinco na testa*)

Hein?

MADAME VARGAS

Ameaçou-me de tal forma, que a todo o instante o espera. Carlos é capaz de tudo!

BELFORT

Minha cara Hortência, pode ter a certeza de que são raros os capazes de tudo. Os capazes de tudo são os excepcionais. O mundo é uma grande repartição pública. Nessas repartições há sempre um ministro para centenas de funcionários. No mundo há um ser d'exceções para milhares de outros que não passam de amanuenses da vida.

MADAME VARGAS

Amanuense o Carlos!

BELFORT

Há amanuense e amanuense. Há os que trabalham, casam, pagam a lavadeira, tem filhos e cometem regularmente outras coisas insignificantes; e há os que indo à repartição pretendem cometer ações de maior importância e não fazem nada. O Carlos pertence aos que não fazem nada é amanuense da vida com a proteção do diretor e o medo dos credores.

MADAME VARGAS

Por que brincar ainda, barão, neste momento angustioso?

BELFORT

Porque tenho confiança no futuro.

MADAME VARGAS

Se escapássemos até amanhã a catástrofe estaria adiada.

BELFORT

Só se dão as catástrofes pelas quais não esperamos.

MADAME VARGAS

Eu é que não posse mais. Se ele vem, se faz o escândalo público!...

BELFORT

Esquece que estou aqui!

JOSÉ (*no grupo junto à janela*)

Com essas disposições, o luar deixa-a incapaz de resistir?

BABY

Não sei teria uma grande vontade de ser conquistada. Deve ser bom, não acham?

GUEDES

Aquele grande palacete é o do banqueiro Praxedes?

D. MARIA

Conhece-o? É um sujeito terrível esse tal de Praxedes. Já me explicaram porque quando conversa fecha os olhos.

JULIETA

Por que é?

D. MARIA

É para ter tempo de fazer algumas somas entre as perguntas e as respostas.

CARLOTA (*ao fundo*)

Hortênci venha ver os efeitos do luar. Parece ouro líquido.

MADAME VARGAS (*caminhando*)

Há noites doidas.

BABY

Doidas é o termo.

BELFORT (*baixo a José*)

Parabéns.

JOSÉ

De quê?

BELFORT

Sei que parte amanhã.

JOSÉ

Psiu, quem lho disse?

BELFORT

Hortência estava a pedir-me que tratasse da passagem dela.

GASTÃO (*descendo*)

É esquisito. Todos nós falamos do luar. Só o barão parece não o ver.

BELFORT

Porque adoro as coisas simples e naturais.

D. MARIA

Acha então o luar pouco natural?

BELFORT

O luar é o artifício. Metemo-lhes tanta coisa, arrebicamo-lo tanto, que nada mais resta do verdadeiro luar. A lua das cidades é uma invenção literária. Acho muito mais natural a D. Carlota ou o Deputado Guedes.

GUEDES

Mas já lhe tenho dito uma porção de vezes que não sou reconhecido...

BABY

Não é?

GUEDES

Infelizmente!

MADAME AZAMBUJA

Mas o que vai ser então?

BELFORT

Sim, se não for deputado, o que vai ser então?

GUEDES

Ah! Isso... Hoje, com a certeza do meu degolamento, o partido que está no governo ofereceu-me a candidatura à presidência.

BABY

Bravo! Presidente!

GASTÃO

Mas são precisas muitas coisas para ser presidente?

GUEDES

Sim. Capacidade, energia, tino...

BELFORT

Tudo isso é demais.

JOSÉ

Como assim?

BELFORT

Para ser presidente de estado no Brasil só é necessária uma qualidade: a de saber preparar o *buffet*.

TODOS

Hein? Como?

BELFORT

Porque sendo a campanha das candidaturas uma noite de contradanças, os vencedores só têm uma preocupação política administrativa: avançar na ceia...

GUEDES (*riso geral*)

Vê-se que o barão gosta de brincar. Não respondo a pilhérias.

BELFORT

É sempre assim que os presidentes começam.

MADAME VARGAS

E se saíssemos um pouco?

D. MARIA

Com este sereno!

MADAME VARGAS

Vamos todos até à estrada?

JOSÉ

Que ideia!

BELFORT

Que nervos, diga antes vai piorar a sua dor de cabeça.

MADAME VARGAS

Ao contrário. Talvez me faça bem. Venha daí doutor.

TODOS

Vamos! Não! Bela ideia!

BELFORT

Eu não. Prefiro fumar um cigarro no terraço.

MADAME AZAMBUJA

Não. Estou cansadíssima.

(Movimento de saída; saem todos: ficam apenas Madame Azambuja e o deputado Guedes)

GUEDES

Esta vida mundana é motivo de graves neurastenias.

MADAME AZAMBUJA

Depois as preocupações...

GUEDES

Quais?

MADAME AZAMBUJA

Só sustentar este luxo e escolher os flertes.

GUEDES

Má língua.

MADAME AZAMBUJA

Eu? Ao contrário. Falo a verdade. Só não vê quem não quer. Não lhe parece muito terno o Dr. Ferreira?

GUEDES

Sempre pensei que fosse o outro, o Dr. Carlos.

MADAME AZAMBUJA

E depois diga que sou eu a má língua. Pois contam-no também, o senhor, no rol dos apaixonados.

GUEDES

Sabe bem que só tenho uma paixão.

MADAME AZAMBUJA

A política?

GUEDES

Nunca se ama o que nos sustenta.

(D. Maria entra)

D. MARIA

Que imprudência! Lá se foram!

GUEDES

É um passeio extravagante.

D. MARIA

O Dr. Guedes é que não iria, hein? A Tijuca mete-lhe medo.

GUEDES

Perdão. Mete-me medo quando vou com senhoras de respeito. Só, ou com homens, acho até graça. Já uma vez vim cá à noite com um amigo do meu Estado e dei com uma ceia de estalo na mesa do imperador. A iluminação era a velas multicores.

D. MARIA

Que escândalo.

GUEDES

Só cocotes e rapazes, que diziam os maiores horrores!

MADAME AZAMBUJA

Atacaram-no?

GUEDES

Felizmente não. Escapei, porque estava na roda o senador Policarpo.

D. MARIA

A propósito, a senhora do senador Policarpo continua a enganar o marido?

GUEDES

Absolutamente.

MADAME AZAMBUJA
É lá senhora para voltar atrás. Nunca!

GUEDES
O Policarpo é que enviuvou.

D. MARIA
Foi o seu primeiro ato da satisfação à sociedade.

(Baby e Belfort aparecem à janela do lado da varanda)

MADAME AZAMBUJA
Já acabou o cigarro?

BELFORT
A apostar que falavam mal da vida alheia?

BABY
Enquanto não falávamos de amor.

MADAME AZAMBUJA
Alguma declaração?

BELFORT
Não. A Baby confessava que precisa amar. Eu disse-lhe que trabalhasse em alguma coisa útil. O amor é sempre uma resultante da falta do que fazer. Ela ri e não acredita. Chamou-me criança.

D. MARIA
O topete desta menina!

BELFORT
Deus fala pela boca da inocência.

BABY *(que já está na sala)*
Não me faça corar!

BELFORT

Impossível! Hoje tanto do *rouge* abusou, que está permanentemente ruborizada.

(Baby corre à janela. O barão retira se)

MADAME AZAMBUJA

A verdade é que o barão, é um inimigo do casamento.

BELFORT *(entrando)*

Eu?

GUEDES

Pelo menos não pensou nunca em casar.

BELFORT

Apenas por influência de leituras. Em rapaz caiu-me na mão um livro antigo escrito em latim. Falava do casamento e dava o silogismo do matrimônio segundo Bias.

BABY

Que Bias?

BELFORT

Um sujeito muito antigo, que morreu antes de nós nascermos. Bias diz: A mulher que escolhermos será bela ou feia. Se for bela, não será só tua; se for feia, casarás com uma fúria.

MADAME AZAMBUJA

Oh! Barão!

BELFORT

É verdade que logo depois o autor citava Favorinus, que aconselha o meio termo entre as duas, e Quintus Ennius que chama o meio termo *stata*. Até hoje procuro a *stata* e não há meio de me resolver...

MADAME AZAMBUJA *(indo ao piano corre uma escala)*

Mas que extravagância a de sua sobrinha D. Maria. Tanto mais quanto estou arrependida de não ter ido também.

BELFORT

Obrigado, por todos nós.

MADAME AZAMBUJA

Não. É que o luar me põe nervosa.

BELFORT

O luar é o inventor de todas as loucuras, segundo alguns literatos. Até o nosso Guedes, com um luar destes seria capaz de as realizar.

GUEDES

Não. Tenho sempre juízo... Não sou mais homem para essas coisas.

BELFORT

Por quê? Por que vai ser presidente de Estado?

GUEDES

Porque a espinha mo proíbe.

BABY

Sofre da espinha?

GUEDES

Aqui onde me vê, D. Baby, sou um candidato a ataxia.

BABY

Então respiremos.

D. MARIA

É uma moléstia grave, Baby.

BABY

Mas basta que o Dr. Guedes seja candidato a ela para que a gente tenha a certeza de que não a apanha.

GUEDES

Má! E o senhor barão a rir. Está a fazer da Baby uma discípula.

BELFORT

Não. Rio com sentimentos conservadores — com medo de perder a alegria. É tão raro encontrar alguém alegre! Vejam os transeuntes na rua. Cada fisionomia tem um vinco de preocupação. As mulheres olham-se com mal disfarçado rancor. Os homens não conseguem esconder a mágoa oculta. Já ninguém mais ri francamente. O riso dói a princípio o prazer de devorar. Foi depois o prazer de viver. Hoje é o desespero de não poder arrasar a geração. A Baby rir por prazer, ao menos.

BABY

Obrigada pela conferência. Vou colecionar anedotas.

(Mas pela varanda surgem a correr e a rir Madame Vargas, José, Gastão, Carlota, Julieta. Irrupção na sala)

MADAME AZAMBUJA

Ora viva a companhia!

MADAME VARGAS

Uma corrida louca, minha filha!

CARLOTA

Fomos perseguidos.

GUEDES

Que dizia eu?

JULIETA

Só o Gastão nos salvaria.

JOSÉ

Imagem. Dois automóveis cheios de cavalheiros e damas.

MADAME VARGAS

Queriam por força reconhecer-nos.

D. MARIA

Como assim?

MADAME VARGAS

É que tínhamos tapado o rosto com as *écharpes*.

JULIETA

O Amaral Fataça pegou-me o braço teimando que eu era a Liliane.

CARLOTA

Felizmente, Gastão conseguiu fazê-lo recuar.

JULIETA

Traiu-nos.

BELFORT

Mais uma vitória nos bíceps, Gastão?

GASTÃO

Qual bíceps. Inteligência.

BELFORT

É surpreendente!

BABY

Que fez você?

JULIETA

Disse o nosso nome é claro.

GASTÃO

Juro que não. Foi tudo quanto há de mais simples. Disse que as senhoras eram outras.

CARLOTA
Que outras?

GASTÃO
Outras senhoras com que eles flertam.

JOSÉ
Foi um salve-se quem puder!

CARLOTA
E corremos até aqui.

MADAME VARGAS
Mas a cena aumentou-me ainda a dor de cabeça.

JOSÉ
Não será coisa de gravidade?

MADAME VARGAS
Não. Quando tenho uma forte emoção a dor sempre vem.

JOSÉ
Por que não toma uma pouco de aspirina?

MADAME VARGAS
Não, obrigada.

MADAME AZAMBUJA
É uma dor tremenda essa. Eu nunca a tinha tido. Parece-lhes impossível? Pois é. Só há oito dias é que a senti pela primeira vez. Quase morri!

BELFORT
Que me diz?

MADAME AZAMBUJA

Sério. Foi depois de um jantar em casa de Madame Braga, a esposa do homem de borracha.

CARLOTA

Aquela que dá agora recepções?

GASTÃO

Uma senhora tremendamente gorda?

MADAME AZAMBUJA

Essa mesma. Nunca vi tanta gente feia reunida.

BABY

A dor de cabeça talvez fosse disso.

MADAME AZAMBUJA

A Braga estava decotada, com um colar que o marido disse ter dado 200 contos.

CARLOTA

É uma soma muito razoável. Não acha D. Maria?

D. MARIA

De acordo. *Três bien.*

MADAME AZAMBUJA

Mas é que vocês não imaginam a Braga decotada!

BABY

Eu a vi ontem no Lírico.

MADAME AZAMBUJA

Não é verdade? Já viste decote igual?

BABY

Francamente em público, desde que perdi a minha ama de leite, foi a primeira vez...

GUEDES

Mas o decote da senhora Braga é que lhe causou dor de cabeça?

MADAME AZAMBUJA

Não sei. Atribuo aos seringueiros, ao decote aquela gente toda e a uma salada, à moda do Pará, que serviram no fim. Era de matar.

GASTÃO

Não há nada pior do que uma salada quando faz mal.

MADAME AZAMBUJA

Até agora não sei do que era. O senhor barão, que sabe tudo, conhece por acaso a salada do Pará?

BELFORT

Qual delas? Porque há muitas. Salada é o termo que se aplica admiravelmente a todas as coisas do Brasil. Há a salada política, de que por exemplo agora o Guedes é o azeite. Há a salada filosófica, em que ninguém se entende. Há a salada social, uma dessas saladas *panachés* que dariam indigestão a um avestruz. A qual delas se refere?

JULIETA

Às que se comem, está visto.

BELFORT

Dessas não sei. É verdade que o diplomata Schmidt pretendeu ensinar-me uma. Mas não conseguiu. Quando chegava a lição estava sempre com *champagne* demais.

JOSÉ

Era apanhá-lo quando a tivesse de menos.

BELFORT

Impossível. Schmidt apostou que o *champagne* não lhe fez mal de modo que quanto mais bebe mais vontade tem de beber para

mostrar que é forte. Tem com isso um lucro. Apesar de morar à beira mar desconhece a ressaca...

D. MARIA

Mas, pelo amor de Deus, não falemos mal da vida alheia!

BELFORT

Que havemos de fazer então para sermos elegantes.

CARLOTA

Irmo-nos embora, por exemplo. Hortência precisa descansar.

MADAME VARGAS

Oh! Não.

CARLOTA

Pois sim! Não deseja você outra coisa.

GASTÃO

Está evidentemente doente.

JOSÉ

Não diga!

MADAME VARGAS

Descanse. Não tenho nada.

GUEDES

Mas há de dar licença. (*Cumprimenta*)

JULIETA

É isso mesmo estamos insuportáveis.

CARLOTA

Vivemos quase na casa de Hortência.

MADAME AZAMBUJA

Hoje só faltou o Dr. Carlos.

BABY

É verdade. O que andará fazendo aquele conquistador?

BELFORT

Dorme com certeza sobre os louros.

MADAME VARGAS

Até amanhã.

GUEDES

Vai vossa excelência ao Lírico?

MADAME VARGAS

Talvez.

MADAME AZAMBUJA

É ópera nova.

BELFORT

Então não presta.

JULIETA

Por quê?

BELFORT

Porque todas as óperas novas são sempre para os entendidos do Rio, borracheiras tremendas.

BABY

Se D. Hortência for, eu quero um lugar no camarote.

MADAME AZAMBUJA

Por causa do tenor?

BABY

Por causa do Bastão. O camarote do pai é pegado.

MADAME AZAMBUJA

Para começar, quer você vir no meu automóvel? Deixo-a em casa.

BABY

Merci. Aceito.

(Põem as capas. D. Maria ajuda-as. Cumprimentos, shake-hands)

GUEDES

E uma imprudência vir à porta, senhora D. Hortência.

CARLOTA

Não venha, Hortência.

MADAME AZAMBUJA

Melhoras. Nunca vi você tão nervosa como esta noite.

BABY

É verdade. Eu também. O Dr. José leve-nos até lá em baixo.

JOSÉ

Mas, vou também com as senhoras.

CARLOTA

Como, se mora para cima?

MADAME AZAMBUJA

Nada de flertes, Baby. É tarde.

(No salão, sós, Belfort e Hortência)

BELFORT

Que lhe disse eu? Não veio!

MADAME VARGAS

Mas onde estará que fará ele?

BELFORT

Tranquilamente em qualquer clube.

MADAME VARGAS

O barão não o conhece.

BELFORT

Melhor do que a Hortência.

MADAME VARGAS

Ele faz alguma, ele disse que faria.

BELFORT

Esta noite, pelo menos, parece ter adiado. Tenho a certeza. Foi a sua última cena. Ele sabe quem eu sou, e sabe que o tenho...

MADAME VARGAS

Barão salve-me! Mais algumas horas e eu teremos evitado esse desgraçado empecilho. Já começaram a falar nele, já o notam. Ouviu a Renata?

BELFORT

Tenha confiança. Eu quero e quando eu quero, raramente os outros deixam de querer o que eu quero. Estou vigilante se o que lhe disse não bastar, agirei, e diante do que eu tenho, as veleidades desaparecerão.

JOSÉ (*voltando*)

Então até amanhã.

MADAME VARGAS

Meu bom José... Vai, não é assim?

JOSÉ

Que se há de fazer, se é vontade sua.

MADAME VARGAS

José vá. E saiba que nunca na minha vida estimei alguém como o estimo.

JOSÉ

Está nervosa, Hortência. Continua nervosa. Não imagina como fico inquieto. Ainda há pouco quase comprometo o nosso segredo...

BELFORT

Descanse, é a emoção da despedida. O único meio de ser feliz é não discutir os caprichos da dama dos nossos sonhos.

JOSÉ

Eu estou também muito alegre, e muito triste!

MADAME VARGAS

Não! Não! Deves ficar alegre, e só alegre!

BELFORT

Está bem, está bem, nada de nervos.

BELFORT

Eu vou, Hortência. Até amanhã.

MADAME VARGAS

Adeus, meu querido José. (*Dá-lhe a mão a beijar*)

BELFORT (*interrompe*)

Vai para sua casa?

JOSÉ

Claro. Arranjar as malas.

BELFORT

Consente que o acompanhe? A noite está linda. Preciso dar um passeio. Leve-o no meu automóvel e conversaremos.

JOSÉ

Não se incomode por quem é... Estamos a duzentos metros se tanto...

BELFORT

Não. Quero ver como se comporta. Já não o largo! Minha cara Hortência. Tenha fé! Está tudo acabado. Até amanhã. (*A D. Maria que lhe dá o, sobretudo e o chapéu*) Não, sem, sobretudo. Obrigado. (*A José, saindo*) Diga-me? Nunca teve medo de bandidos? Eu gosto imenso. O bandido é o covarde valente, sem a coragem de afirmar. Sempre tive vontade de encontrar um bandido face a face. Se fôssemos atacados?

JOSÉ

Sempre o mesmo barão. Até amanhã, Hortência! Descanse. Não fique mais nervosa. Adeus.

MADAME VARGAS

Até amanhã. (*Saem José e Belfort*) Ah! Dia! Dia horrível que não acaba! Mas algumas horas e salvo-me!

D. MARIA

Queres partir?

MADAME VARGAS

Quero impedir que mais uma vez estraguem o meu futuro. Só! Quero ser feliz, compreendes? Quero mostrar publicamente que eu também amo, que posso ser uma esposa que se inveje. Quero a claridade do dia! Basta de escuro, basta de crime.

D. MARIA

Não te excites assim, com as próprias palavras. Tens um pouco de culpa...

MADAME VARGAS

Tia, não me censures.

D. MARIA

Eu teria dito a esse pequeno cínico as coisas como elas são desde o começo. Garanto que só ameaça vingar-se por despeito.

MADAME VARGAS

A quem o dizes! E a cada gesto seu mais sobe José no meu conceito, mais vejo quanto desci, mais sinto a minha ignomínia, mais amo o outro. Sim. Não é mais interesse, não é mais, não Com esse que me ofereceu tudo e não pediu nada, com esse eu iria. Porque o amo! Porque o amo! E ter aquela criatura imaginando estragar a minha vida, perder-me no conceito de José, só porque me assaltou num momento de lassidão e de amargor! Oh! Não sabe ele como me defenderei! Faltam apenas algumas horas. Depois já não poderá dizer nada, já não poderá fazer nada, estará sem os dentes de veneno e peçonha... D. Maria (*indo apagar o lustre central*) — vem deitar-te. É melhor.

MADAME VARGAS

Não. Um instante. Quero repousar os nervos.

D. MARIA (*hesitante*)

Não fazes hoje nenhuma tolice?

MADAME VARGAS

Oh! Tia!

D. MARIA

Ainda ontem, minha filha!

MADAME VARGAS

Ontem... Vai já tão longe. Hoje preferiria morrer.

D. MARIA

Ainda bem. Tudo menos aquilo.

MADAME VARGAS

Oh! Tia, não insistas. Até já; vai-te deitar.

D. MARIA

Até já, meu tesouro. Hás de ver. Não acontecerá nada de mau. Ele não cometerá as infâmias que disse. Repousa. Está para chegar a felicidade. Não te apoquentes mais. (*Sai*)

(*Madame Vargas, um instante só*)

MADAME VARGAS

Como custa chegar a felicidade!

(*Tem um largo suspiro, fica um instante diante do espelho abatida. A porta do terraço descerra-se. Entra por ela num golfo de luar Carlos. Madame Vargas vê a sua entrada pelo espelho. Volta-se aterrada*)

CARLOS

Boa noite.

MADAME VARGAS

Tu? Tu aqui?

CARLOS

Do que te admiras? Não é a primeira vez.

MADAME VARGAS

Voltaste? Voltaste depois do que se deu ontem conosco.

CARLOS

Como vês. Não incomodo? Andei por fora à espera que os outros saíssem.

MADAME VARGAS

Tens coragem de voltar, de entrar aqui, sem o meu consentimento, alta hora?

CARLOS

Deixei-te tão doida hoje à tarde! Precisávamos conversar, não te parece?

MADAME VARGAS

Mas não temos mais que dizer. Mais nada. Será o que tu quiseres. Tudo quanto quiseres.

CARLOS

Finge calma! Estás convencida de garantias. O barão encheu-te de confiança. Vê-se!

MADAME VARGAS

Não. Fizeste-me sofrer muito e perdeste com isso o que me restava de afeição por ti. Podes fazer o que quiseres desinteresse-me.

CARLOS

Ainda bem. Foi o que eu fiz, descansa.

MADAME VARGAS

Que fizeste?

CARLOS

Preparei uma pequena vingança.

MADAME VARGAS

Vindo aqui mais uma vez, torturar-me e desgostar-me ainda mais de ti?

CARLOS

Seria isso uma vingança?

MADAME VARGAS

Mas que vingança? Vingança por quê?

CARLOS

Porque me deu na cabeça.

MADAME VARGAS

Sabes que começo a perder a calma!

CARLOS

Vais perdê-la de todo dentro de alguns momentos.

MADAME VARGAS

Tu é que te vais embora imediatamente.

CARLOS

Tem tempo depois de liquidarmos o nosso caso.

MADAME VARGAS

Mas afinal que queres tu? Não creio que me vás exigir uma noite, depois do que me disseste hoje. Que queres tu? Discutir o que estamos fartos de saber? Ameaçar-me? Dize, fala. Que queres tu afinal?

CARLOS

Não sei se recordas há três meses uma noite de luar assim?

MADAME VARGAS

Desgraçada Noite!

CARLOS

Há três meses era outro o teu pensar...

MADAME VARGAS

Não pensava de forma alguma. Rolava para um abismo.

CARLOS (*sempre calmo, sentando-se*)

Pois há três meses eu beijava doido de alegria um bilhete teu...

MADAME VARGAS

Não tragas a história do bilhete sempre a mesma, sempre a mesma.

CARLOS

Foi o único que me escrevestes. Beije-o muito. Tenho-o de cor.

MADAME VARGAS

Devias restituir-mo.

CARLOS

Acabo de o fazer.

MADAME VARGAS

Como?

CARLOS

Recordas de certo as breves palavras sem nome algum, misteriosamente atiradas à sombra "espero-o hoje à noite. Deus perdoe a minha loucura. Venha a uma hora".

MADAME VARGAS

Loucura! Desastrada loucura!

CARLOS

Mas por que, se o bilhete sem o meu nome não era para mim?

MADAME VARGAS

Hein?

CARLOS

Era um bilhete que transitava pelas minhas mãos. Só hoje compreendi, e ao sair daqui, meti-o num subscrito e mandei-o a quem de direito pertence agora. É um bilhete talismã. Serve de passe.

MADAME VARGAS

Não compreendo.

CARLOS

É simples, caramba! Mandei o teu bilhete ao Dr. José ferreira.

MADAME VARGAS

Tu fizeste isso?

CARLOS

Com certeza lho entregaram agora, quando voltou para casa.

MADAME VARGAS

Tu fizeste isso?

CARLOS

Honestamente, sem uma palavra minha. Sou um homem que se preza. E depois a cena é muito mais interessante como a imagino. A estas horas, o Dr. Ferreira deve estar doido de alegria, a olhar o relógio.

MADAME VARGAS

Mas para que fizeste isso? Por que não me deste o bilhete a mim? O José virá, eu direi qualquer coisa... É tão simples mentir! Não terás feito mais uma pequena infâmia para me aborrecer.

CARLOS

Decididamente perdes a inteligência com a perspectiva do casamento. Mande-i-lhe o teu bilhete e vim esperá-lo contigo.

MADAME VARGAS

Tu?

CARLOS

Ah! Minha dona pensavas então que eu era qualquer trapo, a por de lado no melhor momento? Estavas crente que era possível enganar-me, arredar-me com cantigas e as ameaças do Belfort, esse velho ridículo que não sei bem o que é aqui? Pensavas mesmo que realizarias o negócio sem me prevenir, pondo-me no andar da rua? Não! Ah! Não! Eu sou alguém, sabes, eu sou alguém. Não sou homem que ponham a andar, não sou desses. Cá estou. Vamos esperá-lo juntos. Ou não tem vergonha, ou com ele não arranjas mais nada. Depois será o que for!

MADAME VARGAS

Miserável! Como és miserável!

CARLOS

Isso. Chama-me nomes. Vamos ver depois. Com aquele ar de *demoiselle* de Sion o Dr. José vai receber um golpe em pleno.

MADAME VARGAS

Indigno! Covarde! Perder assim uma mulher, perder pelo prazer da infâmia, sem outro fim senão o de fazer mal! Por que, meu deus? Por quê? Mas pensas, mas se acreditas que eu não resista.

CARLOS

Vamos a ver como.

MADAME VARGAS

Sai, sai, já daqui.

CARLOS

Muito bonito como teatro.

MADAME VARGAS

Covarde!

CARLOS

Fala baixo, pode acordar alguém.

MADAME VARGAS

Ao contrário, gritarei. Vou chamar gente, chamo todos. Mando-te por fora, pelos criados.

CARLOS

Estou certo de que o não farás. é o escândalo já. Ficarão todos sabendo das nossas relações — porque eu também gritarei, contarei. Talvez cheguemos a ter a polícia. Hortência venha cá.

MADAME VARGAS

Larga-me!

CARLOS

Seja! Mas vejo que já não queres gritar. Sempre prudente. O melhor é mesmo esperarmos o homem. É meia-noite. Temos diante de nós uma hora, se ele não chegar antes.

MADAME VARGAS

Não. Tudo o que quiserdes. Carlos, tudo, menos essa atroz miséria! Chamá-lo aqui, mostrar-me tal qual sou!

CARLOS

Isso é para os íntimos, ou antes, para aqueles a quem já não queres...

MADAME VARGAS

Não é possível! Não é possível! Não farás isso!

CARLOS

Vais ver.

MADAME VARGAS

Depende ainda dele. E ele não vem, afirmo-te eu; não vem porque compreende os perigos desta gente com que vivemos, porque desconfiará de uma traição.

CARLOS

Talvez. Como é homem, porém, terá pelo menos a curiosidade de vir ver. É escusados olhares as portas. (*Dando volta à chave da porta da comunicação interna*) Não sairás senão para o escândalo. E eu não desejo que ninguém nos perturbe. Dentro de 50 minutos: ele, tu e eu. A apostar como vem?

MADAME VARGAS

Que venha! Que venha! Devia vir, sim, deve vir, tem de vir! Há infâmias que a fatalidade ajuda. Vem mesmo, esta a chegar. E eu sei que vem, porque antes já lhe escrevera chamando-o. Pobre José!

Receberá duas cartas minhas. Sim. Escrevi estou a ouvir-te apenas como lição só para sentir bem a tua baixeza, para ver quanto desci. Mas o José está a chegar. Conte-lhe tudo, tudo. Ele sabe tudo. E vai-te expulsar, vai-te correr como um criado ordinário.

CARLOS

Havemos de ver.

MADAME VARGAS

Verás bem pago o teu cinismo. Um homem que tortura assim uma mulher é um covarde. Mas não és tu que o esperas, sou eu que te retenho para que ele te encontre. Que venha! Que venha! (*Ruído fora, recua apavorada*) Ah!

CARLOS (*dando um salto*)

Silêncio! (*Vai até a janela, espia o terraço. Hortência acompanha-o quase de rasto. Momento*) Uf! Nada. Talvez o Braz, passando em baixo... (*Olha Hortência*) Muito menos desejo de que eu, hein? Dê-me o consolo ao menos de confessar que só escreveu a mim! Deixe-se de fingimentos, não delires. Sim. De fato. Há coisas pessoas na vida. Esta espera enerva. Tenha calma. Ainda temos 40 minutos.

MADAME VARGAS (*implorando*)

Mas que vais fazer? Que vais fazer?

CARLOS

Que vou fazer? O trepasso, minha filha!

MADAME VARGAS

Carlos!

CARLOS

Aqui tem a minha amante: faça-a sua mulher. Hei de gozar-lhe a decepção!

MADAME VARGAS

Mas se não te fez mal algum?

CARLOS

Por isso mesmo odeio-o. Odeio-o pelos seus ares superiores, pelo seu dinheiro, por essa honestidade palerma que ele exhibe como um cartaz, pelas suas ideias, por tudo! Odeio-o visceralmente — odeio-o porquê tu o amas! Honesto, rico, querendo casar! Pateta! Como se fosse difícil ser honesto e casar, quando se tem dinheiro! Tivesse-o eu! Tivesse-o eu! E verias em vez deste "Capaz de tudo para viver" o teu honestíssimo esposo. Porque tu havias de amar-me. Oh! As mulheres! Havias de amar-me e enganar-me depois com outro. Aqui, porém, dá-se o inverso. Enganas-me para casar com ele! Veremos a gargalhada final quem a dá!

MADAME VARGAS

É a mim que tu perdes, só a mim... Desmoronas para sempre a minha vida...

CARLOS

Que importa, se me abandonastes antes, se por todos os lados me dizem que eu não passo de um malandrim disfarçado? Que importa se devo ceder o lugar aos honestos, que são ricos? Eu te ajudaria a enganá-lo se mo tivesse dito. Não mo dissestes senão quando era impossível ocultar mais tempo. É porque só amas a ele. Eu vingame.

MADAME VARGAS

Ele é forte. Ele tem coragem.

CARLOS

Não se trata de coragem. Trata-se de fatos. (*Neste instante, batem à porta de dentro. Salto. Angústia. Carlos agarra o braço de Hortência*) Baixinho! Baixinho! Se deixar entrar alguém aqui, o escândalo é amanhã de toda a cidade estás perdida! (*Batem de novo*) Anda pergunta quem é? Com calma.

MADAME VARGAS (*imenso esforço, vencida, olhando-o com ódio*)

Quem está? É a tia?

D. MARIA (*dentro*)

Sim, minha filha. É quase uma hora. Não te vens deitar?

CARLOS (*baixo*)

Tranquiliza-a, anda.

MADAME VARGAS

Já vou. Não me aborreças. Deita-te. (*Num ímpeto*) Feche a... (*Carlos tapa-lhe a boca*)

CARLOS

Cala-te. (*Ela debate-se. Rolam ambos no divã. Silêncio angustioso*) Tens que esperar. Quero que esperes. Ao menos hoje obedeces. Eu quero.

MADAME VARGAS

Odeio-te!

CARLOS

E eu vingo-me! (*O relógio bate meia hora dentro*) Temos apenas trinta minutos. Pouco tempo.

MADAME VARGAS (*Esfrega os olhos já secos de não poder chorar, alisa os cabelos, como se convencendo*)

Ele vem! Ele vem! (*Desespero*) Não fiques, oh! Já te vingastes demais. Sim. Confesso. Devia ter dito tudo, devia ter falado. Mas já resgatei o meu crime. Sei que é brincadeira tua, que nada disso é verdade, que não passa de uma tortura, uma grande tortura... Pelo amor de Deus, pelo nosso amor...

CARLOS

Pelo nosso amor, egoísta! Pelo nosso amor, traidora! Pelo nosso amor, vendida!

MADAME VARGAS

Vai-te! Vai-te! Não fiques! Não me tortures! Eu não quero que ele saiba! Não que não! Nunca! Nunca! Se tens ciúmes, mata-me! Mata-me! Anda, mata-me! Mas não lhe digas nada.

CARLOS

Dentro de alguns minutos.

MADAME VARGAS

Canalha! Canalha! Canalha!

CARLOS

Vem gente.

MADAME VARGAS

Cana... *(Estaca, porém. Carlos precipita-se para a janela. Espia)*

CARLOS

É um vulto. Caminha entre as árvores. Veio cedo. É ele.

MADAME VARGAS *(cai na poltrona sentada, batendo o queixo no auge o pavor)*

É ele! É ele! É ele!

CARLOS *(tirando o revólver do bolso da calça e colocando-o no bolso do casaco)*

Seja a Bela Madame Vargas, sempre até o fim. Tenha ânimo!

MADAME VARGAS

Crápula! Eu direi tudo.

CARLOS *(abre todo um lado da porta)*

Esperemos bem. *(Precipita-se na cadeira em que está sentada Madame Vargas. Torcendo-lhe a mão)* Sinto-lhe os passos rápidos na escada tenha o ar de quem me presta atenção. Ande.

MADAME VARGAS *(debatendo-se)*

Larga-me! Larga-me! *(Faz um último esforço para soltar-se)*

BELFORT (*entra, lívido, rápido, voz forte*)

Afinal encontro-te! (*Carlos ergue-se atônito. Madame Vargas pende na cadeira. Belfort a Hortência*) Mil perdões por entrar na sua casa tão tarde. Mas vi luz e tive a certeza de que Carlos estava cá. Chegou de certo depois dos outros, disse eu. E subi. (*A Carlos*) Vim buscá-lo.

CARLOS (*entra arrogante e atônito*)

A mim?

MADAME VARGAS

Preciso de você já!

CARLOS

Esquisito.

BELFORT

Extremamente. Tanto que você vai sair já.

CARLOS

É o senhor quem manda?

BELFORT

Nada de rodeios. É tarde. Sai já!

CARLOS

Manda também cá?

BELFORT

Mando onde devo mandar. É inútil a bravata comigo, menino. Poupe-me um pouco a sua petulância cartas na mesa. A senhora Hortência Vargas vai casar com o Dr. José Ferreira. Eu quero. Você é demais. Disse-lhe que se afastasse. Não quis. Repito-o. Compreendeu? Perdeu a partida.

CARLOS

Talvez. Esperemos por esse Ferreira. Mais alguns minutos e ele chega. Veremos.

MADAME VARGAS

Barão salve-me! Salve-me!

BELFORT

Eu é que vou esperar sem você. Saia.

CARLOS

Não acredite que me aterroriza.

BELFORT

Cale-se! Conheço-o bem. Ou você sai imediatamente, sem encontrar o Dr. José Ferreira ou está amanhã na prisão. Disse-lhe que pensasse. Quer brincar comigo. Engana-se. Tenho-o no bolso, e se fizer contra Hortência mais um gesto está em mau lugar.

MADAME VARGAS (*horrorizada*)

Belfort!

BELFORT

Nada como os grandes remédios.

CARLOS

Caluniador.

BELFORT

Por quê? Tenho a sua carta pedindo-me perdão, tenho a letra em que tão mal fingiu a minha e a firma de seu pai, e o denuncio com todas as provas como falsificador da minha firma... Disse-lho já se sabe que o faço. Faço-o à primeira tentativa sua. A sua cena é bonita enquanto serve para contar nos clubes. É moda e dá amantes até, mas muda quando tem por fim um cubículo da detenção, mesmo arejado. Saia!

CARLOS

É indecente o que faz.

BELFORT

Não insista. O ar de fora far-lhe-á bem. E note: mesmo o respeito que tenho por seu pai, não impedirá que o declare publicamente e o faço prender se disser uma palavra a respeito deste caso. Mando-o prender irrevogavelmente.

CARLOS

Há amizades suspeitas.

BELFORT

E gente como você que não deixa dúvidas. Mas saia. A situação é ridícula. Cheguei ao momento em que ia cometer a sua maior torpeza dessas torpezas que estragam vidas, mas não levam à cadeia. Deixo-lhe o último insulto. Desabafe e fuja da cadeia que pela sua demora ameaça começar aqui. Mais um segundo e está preso.

CARLOS

É capaz?

BELFORT

Experimente!

CARLOS (*pega no chapéu, excitação, fúria*)

Velho pulha! (*Sai*)

MADAME VARGAS (*correndo ao barão*)

Ele vai encontrá-lo. Ele dirá tudo! Estou perdida!

BELFORT

Em homens como Carlos tenho a máxima confiança. Só há contra esses apaches da nossa sociedade uma coisa respeitável: a cadeia. Ele sabe que eu o liquido. Já não pensa mais em vingança. Vai daqui para um clube a passar o resto da noite com *champagne* pago pelos outros.

MADAME VARGAS

Mas mandou ao José o único bilhete que ele tinha escrito. José vem aí.

BELFORT

Esperaremos juntos o José. O pobre rapaz ficará enternecido com a lembrança. Aí está um bilhete que o mau serviço dos correios levou três meses a entregar ao seu verdadeiro destinatário.

MADAME VARGAS

Meu amigo! Foi Deus que o mandou para salvar a minha vida!

BELFORT

Deus, neste caso, foi apenas ter olhado, ao voltar da casa de José, o seu terraço e ver alguém que a ele subia. Era o Carlos, esperei-o. Como não saísse, subi. Talvez fosse mesmo Deus, porque o devo ao luar, parece dia... Apesar da literatura (*Caminha para a janela*)

MADAME VARGAS (*num ímpeto beija-lhe a mão*)

Meu amigo! Meu amigo! E perdoou, perdoou mesmo a minha falta, a minha loucura?

BELFORT

Mas que é isto, Hortência? Ria, esteja alegre. Todos nós precisamos de perdão. E o mundo seria a maior sensaboria se as mulheres passassem por ele pensando em tudo quanto fazem...

(E o pano cerra-se, enquanto a pobre e bela Madame Vargas ri e chora, desfeita de emoções nos braços do seu velho amigo)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com